



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

KÉSIA DA SILVA CHAGAS

**O IMAGINÁRIO DA AMAZÔNIA PARAENSE EXPRESSO NA
ESCRITA POÉTICA DE NATO AGUIAR**

Itaituba – Pará

2020

KÉSIA DA SILVA CHAGAS

**O IMAGINÁRIO DA AMAZÔNIA PARAENSE EXPRESSO NA
ESCRITA POÉTICA DE NATO AGUIAR**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Esp. Mara Aparecida Pereira
do Nascimento.

Itaituba – Pará

2020

KÉSIA DA SILVA CHAGAS

**O IMAGINÁRIO DA AMAZÔNIA PARAENSE EXPRESSO NA
ESCRITA POÉTICA DE NATO AGUIAR**

Monografia de Graduação apresentada para
obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras
da Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof.^a Esp. Mara Aparecida Pereira
do Nascimento.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente/Orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Esp. Mara Aparecida pereira do Nascimento.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Walbea Lúcia Lobato Martins.

Avaliadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Verônica Gomes Moreno.

Resultado: _____ Média: _____

Data: 04 de fevereiro de 2020.

*Dedico essa conquista ao meu
esposo Leonel em especial, e aos meus
filhos Lucas e Ana Beatriz. Amo vocês!*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por não me deixar desistir e fraquejar nos momentos difíceis ao longo do curso, porque foram muitos.

Agradeço ao meu esposo, Leonel, por fazer parte da minha vida, pelo incentivo e apoio, tanto moral quanto financeiro em todas as etapas do curso.

Pelo amor, carinho e incentivo que a mim dedicados agradeço aos meus familiares: meus irmãos Keisa, David, Samuel, Dallani e Keila, bem como, a minha cunhada Fernanda, em especial, aos meus pais Osmar e Suzana, por me mostrarem os valores da vida e a sempre cultivar no meu coração a esperança de nunca desistir.

A Faculdade de Itaituba (FAI) pela formação e suporte, englobando toda a equipe da instituição, desde as serventes aos professores quais sempre estiveram e estão dispostos a nos auxiliarem da melhor forma possível.

A minha orientadora, professora Mara, pelo apoio, orientação e paciência que teve comigo e, por ser uma pessoa excepcional, muito inteligente e compreensiva.

Aos amigos que sempre estavam ao meu lado, e que sempre estarão na torcida para que tudo dê certo no fim. Amo vocês...

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram para o alcance e realização deste trabalho. De todo o coração, muito obrigado.

*"Rio, pão líquido, andar em
procissão de espumas, alimento de
lendas, poesia piracemas de ânsias,
preamares, sílabas".*

(Paes Loureiro).

RESUMO

O presente estudo tem como objetivos gerais e específicos identificar na escrita Poética de Nato Aguiar o Imaginário da Amazônia Paraense, obter conhecimento geral quanto à literatura paraense; compreender as particularidades do referido imaginário. A base da pesquisa residiu em levantamento bibliográfico, destacando-se Ildone, Meira, Castro (1990), Barata (1973), Loureiro (2001), entre autores consultados, bem como, em uma pesquisa documental coletando poesias disponibilizadas por Nato Aguiar, via E-mail e letras de canções, aqui consideradas como poesia literária, coletadas do CD Ita em Canções (2005). Verificou-se que o imaginário da Amazônia Paraense, em especial neste estudo, do Município de Itaituba- Pará apresenta elementos que o influenciam e o diferenciam. Em uma região de grandes matas e composta por cidades marcadas pela forte presença das águas dos rios, que cortam todo o Estado e interligam fluxos diversos de pessoas, serviços e mercadorias, o imaginário não poderia estar distante desses elementos que fornecem a base para sua construção. Tudo está ligado ao grande rio, que tem seus afluentes que deságuam nos igarapés, circundados pela mata que abriga um rico patrimônio da fauna e da flora amazônica, constituindo um universo de biodiversidade. E é aqui que o imaginário da Amazônia Paraense se alimenta, onde o homem e o rio se fundem. O rio não é apenas a via de acesso, ou lugar de onde se retira subsistência, mas também o elemento mediador de uma ligação com o maravilhoso e com o fantástico, concentrando em suas águas um enorme universo de significados. Compreendendo-se as particularidades do imaginário paraense, ficou passível de conclusão que neste fantástico cenário o poeta /letrista Nato Aguiar espelha a sua poética para escrever seus versos que configuram sua representatividade.

Palavras-chave: Imaginário. Amazônia. Paraense. Poesias. Nato Aguiar.

ABSTRACT

The present study has as general and specific objectives to identify in the writing Poetics of Nato Aguiar the Imaginary of the Amazon Paraense, to obtain general knowledge about the literature in Pará; understand the particularities of your imaginary. The basis of the research resided in bibliographic survey, especially Ildone, Meira, Castro (1990), Barata (1973), Loureiro (2001), among authors consulted, as well as in a documentary research collecting poetry made available by Nato Aguiar, via E-mail and song lyrics, here considered as literary poetry, collected from the CD Ita in Canções (2005). It was found that the imaginary of the Amazon Paraense, especially in this study, of the municipality of Itaituba- Pará presents elements that influence and differentiate it. In a region of large forests and composed of cities marked by the strong presence of river waters, which cut throughout the state and interconnect various flows of people, services and goods, the imaginary could not be far from these elements that provide the basis for its construction. Everything is connected to the great river, which has its tributaries that flow into the streams, surrounded by the forest that houses a rich heritage of Amazonian fauna and flora, constituting a universe of biodiversity. And this is where the imaginary of the Amazon of Pará feeds, where man and the river merge. The river is not only the access route, or place from which subsistence is removed, but also the mediating element of a connection with the wonderful and the fantastic, concentrating in its waters a huge universe of meanings. Understanding the particularities of the imaginary paraense, it was able to conclude that in this fantastic scenario the poet / lyricist Nato Aguiar mirrors his poetics to write his verses that configure his representativeness.

Keywords: Imaginary. Amazon. Paraense. Poetry. Nato Aguiar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1 O ESTADO DO PARÁ: ASPECTOS HISTÓRICOS E EVOLUTIVOS	10
2.2 A PRODUÇÃO LITERÁRIA PARAENSE	15
2.3 PRINCIPAIS AUTORES E OBRAS DA ESCRITA LITERÁRIA PARAENSE	23
3 METODOLOGIA	33
3.1 PROCEDIMENTOS GERAIS DA PESQUISA	33
3.2 QUANTO A COLETA E TRATO DOS DADOS	34
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	36
4.1 O IMAGIÁRIO: CONCEPÇÕES GERAIS E A AMAZÔNIA PARAENSE	36
4.2 O IMAGIÁRIO PARAENSE NOS VERSOS DE NATO AGUIAR	39
5 CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	50
ANEXO 1 POESIAS DE NATO AGUIAR	53
ANEXO 2 TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO	58

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como objetivos gerais e específicos identificar na escrita poética de Nato Aguiar o Imaginário da Amazônia Paraense, compreender as particularidades do referido imaginário e obter conhecimento geral quanto à literatura paraense.

A motivação da escolha deste tema partiu da observação quanto à falta de conhecimento e interesse sobre a escrita literária paraense e itaitubense, isso tanto dentro da escola como fora dela. Outra problemática percebida é o fato de estudarem-se somente postalmente os autores, como se as pessoas e suas produções, de qualquer campo da arte ou conhecimento humano, não tivesse o real brilho em vida, elegendo-se então Nato Aguiar e sua escrita poética ainda em vida.

A relevância desta pesquisa reside em chamar a atenção, principalmente docente, para a importância e necessidade de levar para a sala de aula a Literatura local e não somente clássicos, pois os alunos fazem parte do imaginário desta escrita, com suas lendas e mitos, paisagens e cultura.

A base da pesquisa residiu em levantamento bibliográfico, destacando-se Ildone, Meira, Castro (1990), Barata (1973), Loureiro (2001), entre autores consultados, bem como, em uma pesquisa documental coletando poesias disponibilizadas por Nato Aguiar, via E-mail e letras de canções, aqui consideradas como poesia literária, coletadas do CD Ita em Canções (2005).

O cronograma de atividades transcorreu entre janeiro de 2019 e fevereiro de 2020, compreendendo: escolha do tema, elaboração do pré-projeto, levantamento bibliográfico, coleta de dados documentais, análise dos dados, redação final, apresentação para banca avaliadora e correção pós-banca.

A estrutura deste estudo compreende fundamentação teórica abordando aspectos geográficos e históricos evolutivos do Estado do Pará, sua literatura e principais autores, incluindo Itaituba. Na sequência apresenta-se a metodologia utilizada e os resultados e discussões trazendo aspectos gerais do imaginário de um povo, seguido da análise da identificação do imaginário local nos versos do autor. Finaliza-se com a conclusão e apresentação das referências consultadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 O ESTADO DO PARÁ: ASPECTOS HISTÓRICOS E EVOLUTIVOS

Este estudo não ficará restrito ao arquivamento na Biblioteca da instituição de Ensino Superior (FAI), pois será disponibilizado no sistema midiático (Internet), podendo ser acessado por estudantes de outras regiões brasileiras. Portanto, é importante apresentar informações gerais sobre o Estado do Pará, para maior compreensão e contextualização e, além disso, a escrita literária de um povo emerge de seu geográfico e histórico.

O estado do Pará está localizado na região norte do Brasil, apresentando o segundo maior território do país, sendo menor apenas que o Amazonas. Conforme Carlos (1999) e os dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI- 2019), a extensão territorial é de 1.247.950,003 quilômetros quadrados. Conforme contagem realizada em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o estado totaliza 7.581.051 habitantes, distribuídos em 143 municípios. Apresenta baixa densidade demográfica, com aproximadamente seis habitantes por km².



Ilustração 1 – Mapa do Pará. Fonte: https://www.google.com.br/mapa_do_para (2019).

O relevo do Pará apresenta planície amazônica ao norte, depressões e pequenos planaltos. O ponto mais elevado é a serra do Acari, com 1906 metros de altitude. A vegetação é caracterizada por mangues no litoral, campos na ilha de Marajó, cerrado ao sul e floresta Amazônica.

O Pará altera regiões de planícies alagáveis como a ilha de Marajó, com a floresta Amazônica, na porção oeste, e campos de pastagens em regiões desmatadas na porção leste. O clima é equatorial, a temperatura média anual é de 27°C. A capital do estado é a cidade de Belém, outras cidades importantes são: Ananindeua, Santarém, Marabá, Castanhal, Abaetetuba, Cametá, Bragança, Itaituba, Marituba. Os rios de maior importância são: Amazonas, Jari, Pará, Tapajós, Tocantins, Trombetas e Xingu.

Muitos acontecimentos históricos marcaram o estado do Pará, dando ênfase, a fundação da cidade de Santa Maria Belém do Grão-Pará, em 12 de janeiro de 1616, por Francisco Caldeira Castelo Branco, período da União das Coroas Ibéricas (1580-1640), iniciando-se a ocupação militar na embocadura do rio Amazonas, com a fundação de Belém, em 1616.

Era época das invasões holandesas, francesas e inglesas no Nordeste, mais precisamente no Maranhão e Pernambuco, principal área de produção de açúcar. Além disso, havia a disputa pelo domínio do território das drogas do sertão, tais como a canela, o cravo, o anil, as raízes aromáticas, as sementes oleaginosas, e a salsaparrilha, que os estrangeiros tentavam apoderar-se; fazendo-se necessário ocupar e defender o território próximo a essa área. Então Foram criados núcleos de apossamento do território, onde aconteceu a fundação de Belém do Pará.

A política portuguesa, visando ao exercício de sua soberania no mundo físico-político imerso que estava criando, firmou-se com a ereção de pequenas fortificações, que representavam o poder militar de Portugal e asseguravam o exercício de sua soberania com maior segurança. O fortim do Presépio construído em 1616 por Francisco Caldeira Castelo Branco é a origem do núcleo urbano que é hoje a cidade de Belém, foi o início dessa política de fortificações (REIS, 1984, p.10).

Outra estratégia para assegurar a posse do território foi à criação de unidades políticas-administrativas, como os estados. Em 1751. Dado a importância econômica e política de Belém, cria-se o Estado do Grão Pará e Maranhão, com sede em Belém.

Em 1774, o Estado passa à condição de Capitania, como parte do Estado do Brasil. Apesar disso, manteve os vínculos administrativos diretos com Portugal até 1822. E, sendo criadas gradativamente "inúmeras vilas por todo território paraense", como afirma Braga (1915, p. 53). No final do século XVII, já haviam sido criadas duas capitanias da Coroa: Pará Gurupá, além de cinco capitanias particulares: Cametá, Cayté, Joannes e Cabo Norte, no Pará e Cumá no Maranhão.

É o momento de expulsão dos holandeses, ocorrendo uma violenta campanha de intimidação contra os indígenas, a fim de desanimar qualquer tentativa de aliança com os estrangeiros. Contudo, Braga (1915, p. 54) declara que nesta época o primeiro sistema de controle territorial, baseado na construção de fortins no local de concentração da população indígena com objetivo de captura-los e impedir sua aliança com as nações Europeias.

Na introdução de companhias religiosas com a intenção de pacificar os indígenas, o território de missões foi dividido entre várias ordens religiosas: carmelitas, franciscanos, mercedários e jesuítas, ordens regulamentadas pela coroa a fim de evitar conflitos perante a lei.

A Carta Régia de 21 de outubro de 1652 dava ao Padre Antônio Vieira ampla autorização para levantar igrejas, estabelecer missões, descer índios ou deixá-los em suas aldeias, tudo segundo julgasse mais conveniente, podendo requisitar dos governadores e demais autoridades quaisquer auxílio (SIMONSEN, 1957, p. 121).

Entre todas as ordens a que mais atuou no vale do Amazonas foi à dos jesuítas, a mais poderosa, pois contava com a mão de obra escrava indígena. Durante o século XVIII foram fundadas 62 freguesias grande parte delas estabelecidas a partir das missões e aldeias administradas pelos missionários (BARBOSA, 1976).

Com a política pombalina essas missões passam à condição de vilas com a denominação de cidades portuguesas. Foi o Alvará de 7 de junho de 1775, que determinou a conversão das aldeias em vilas e lugares. E segundo Simonsen (1957, p. 284) "havia por este tempo no Estado do Maranhão e Grão-Pará sessenta aldeias de índios, das quais cinco administradas por padres das Mercês, onze por Carmelitas, quinze por Capuchinhos e vinte e oito por Jesuítas", Pela simples operação de dar-lhes novos nomes, e mandar na praça do mercado de cada uma erigir um pelourinho.

Com as mudanças que estavam ocorrendo com o governo pombalino os jesuítas foram expulsos, seus bens confiscados pela coroa e a tutela das aldeias arrancadas das missões, sendo “encarregado pelo governo colonial e por reformas Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal”. E algumas delas foram: o estabelecimento da Companhia Geral do Comércio do Grão Pará; o estímulo à agricultura de exportação (1755); a declaração da liberdade dos indígenas; o estímulo à miscigenação entre índios portugueses; a introdução de escravos africanos para servir de mão de obra; Marquês de Pombal acreditava que com o tráfico negreiro elevaria a produção e a valorização das colônias portuguesas. Pombal promoveu mudanças significativas na estrutura social e econômica do Grão-Pará (BARBOSA, 1976, p. 241-243).

Em 1823, o Pará era a única província que não fazia parte do país e as ameaças eram fortes para mudar essa situação. Conforme explana Salles (1992) o Brasil se torna independente no dia 7 de setembro, mas a Província do Grão Pará não aceita fazer parte do Brasil pela fidelidade a Portugal. Somente um ano depois, é aderido ao Brasil.

Porém, essa adesão não foi tão simples. Dom Pedro I, Imperador do Brasil, envia para Pará um comandante de fragata inglês, John Grenfill, que havia sido contratado para formar a Marinha. E ele veio com a missão de incorporar o Pará ao Brasil, custe o que custar. Chegou aqui e fez isso de maneira dramática (SALLES, 1992, p. 6).

Como o imperador Dom Pedro I manda para o Pará Jhon Grenfill; sua chegada é radical, problemática, pois as ordens eram diretas: incorporar o Pará ao Brasil não importava como seria. Na época, a sede da colônia portuguesa era no Palácio Lauro Sodré, no bairro da Cidade Velha. Foi no local que, no dia 15 de agosto de 1823, o documento de adesão do Pará foi assinado. Três meses depois da assinatura do documento, houve uma manifestação onde atualmente é a Praça Frei Caetano Brandão.

O que a população queria eram direitos iguais aos dos portugueses que viviam no Pará. “As camadas populares tinham uma expectativa de que a independência representasse mudanças radicais, de fato, na estrutura econômica, política e social do Brasil. Só que a independência, tomando como exemplo o Pará: a adesão manteve o mesmo grupo que estava no poder antes, constituindo a maioria de portugueses, então os portugueses continuavam no poder. A escravidão

foi mantida, não só no Pará, mas no Brasil inteiro. Essa frustração se tornou ressentimento que foi sendo remoldado", explica (SALLES, 1992).

Contudo, como a população não estava satisfeita com a situação, a revolta foi eminente gerando um grande conflito na baía do Guajará palco do massacre, onde muitos manifestantes foram colocados dentro do porão de um navio e morreram asfixiados.

No início do Período Regencial, a situação da população pobre do Grão-Pará era péssima. Mestiços e índios viviam na miséria total. Sem trabalho e sem condições adequadas de vida, os cabanos sofriam em suas pobres cabanas às margens dos rios. Esta situação provocou o sentimento de abandono com relação ao governo central e ao mesmo tempo, muito revoltado.

Os comerciantes e fazendeiros da região também estavam descontentes, pois o governo regencial havia nomeado para a província um presidente que não agradava a elite local. Embora por causas diferentes, os cabanos (índios e mestiços, na maioria) e os integrantes da elite local (comerciantes e fazendeiros) se uniram contra o governo regencial nesta revolta. O objetivo principal era a conquista da independência da província do Grão-Pará. Os cabanos pretendiam obter melhores condições de vida (trabalho, moradia, comida). Já os fazendeiros e comerciantes, que lideraram a revolta, pretendiam obter maior participação nas decisões administrativas e políticas da província (SILVEIRA, 2004, p 14).

A Cabanagem foi uma revolta popular que aconteceu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará (região norte do Brasil, atual estado do Pará). Recebeu este nome, pois grande parte dos revoltosos era formada por pessoas pobres (índios e mestiços, na maioria) que moravam em cabanas nas beiras dos rios da região. Estas pessoas eram chamadas de cabanos (RAIOL, 1970).

Com início em 1835, a revolução da Cabanagem gerou uma sangrenta guerra entre os cabanos e as tropas do governo central. O principal alvo dos cabanos era os brancos, especialmente os portugueses mais abastados. A grandiosidade desta revolução extrapolava o número e a diversidade das pessoas envolvidas.

Nascida em Belém do Pará, a revolução cabana avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico, atingindo os quatro cantos de uma ampla região. Ocuparam a cidade de Belém (capital da província) e colocaram na presidência da província Félix Malcher quem fez acordos com o governo regencial, traíndo o movimento. Revoltados, os cabanos mataram Malcher e colocaram no lugar o lavrador Francisco Pedro Vinagre sucedido por Eduardo Angelim.

Contando com o apoio inclusive de tropas de mercenários europeus, o governo central brasileiro usou toda a força para reprimir a revolta que ganhava cada vez mais força. Guimarães (2004) destaca que após cinco anos de sangrentos combates, o governo regencial conseguiu reprimir a revolta.

Em 1840, muitos cabanos tinham sido presos ou mortos em combates. As estimativas feitas por historiadores apontam que cerca de 30 mil pessoas morreram durante os cinco anos de combates. "A revolta terminou sem que os cabanos conseguissem atingir seus objetivos".

O estado do Pará vale ressaltar, está dentro de uma parte da grande Amazônia, região que concentra a maior diversidade biológica e a maior bacia hidrográfica do mundo, com cerca de 20.000 km de rios navegáveis. Foi ocupada de forma mais intensa a partir da década de 1970, com a construção de estradas pelos governos militares que visavam garantir o desenvolvimento da região. Esta ação, entre outras políticas, permitiu que se estabelecesse um modelo de desenvolvimento baseado na agropecuária, na extração mineral e na exploração madeireira, o que gerou, e ainda gera, localmente, uma intensa disputa pela terra e sérios conflitos fundiários.

Sobre a Amazônia, explana Dutra (2005, p.16) pontuando que há uma visão dupla e contraditória sobre o território, primeiramente: é visto como uma região idílica, com recursos naturais fartos e, quem sabe, a possibilidade de resolver parte dos problemas ambientais do planeta". Por outro lado, temos a imagem da Amazônia inferno verde, um lugar ameaçado pela exploração desordenada e pela falta de habilidade ou mesmo vontade de seus habitantes em contornar a situação.

2.2 A PRODUÇÃO LITERÁRIA PARAENSE

Para chegar ao objetivo deste estudo que compreende buscar a presença representativa do imaginário da Amazônia paraense expressa nos versos do poeta e letrista Nato Aguiar é de suma importância compreender como se deu a trajetória da produção literária no Pará.

Segundo Ildone, Meira e Castro (1990, p. 16), a fundação de Belém, no ponto mais avançado do norte do Brasil, em que os lusos acabavam de implantar uma civilização, foi o marco inicial de uma jornada cultural e literária. A Literatura Paraense teve um início com a chegada de Caldeira e do Alferes André Pereira

Themudo, que escreveu a Relação "o primeiro escrito sobre a conquista do rio Amazonas e, conseqüentemente, a fundação da cidade de Belém, que reputamos ser a primeira peça literária da cultura Paraense", com objetivo de mostrar todo o percurso do Rio Amazonas até a chegada ao território em que hoje é Belém.

Os jesuítas iniciaram a catequização em Latim do povo indígena, e logo, aqueles que sobressaíam nos estudos, ajudavam nas missões. Os habitantes que iam nascendo em território paraense mais tarde saíam para estudar na Europa, principalmente em Lisboa, para graduarem-se como médicos, advogados, filósofos. Através do porto de Belém, realizavam-se viagens diretamente para a Europa, devidas á dificuldade de locomoção dentro do próprio território brasileiro.

O Pará, pela sua posição geográfica, pelo clima e pelo permanente. Intercâmbio com a Europa sofreu muito dessa influência quanto aos hábitos, a língua e o modo de viver do outro lado do Atlântico. Para os paraenses de outros tempos era bem mais fácil ir à Europa do que ao sul do País (ILDONE; MEIRA; CASTRO, 1990, p. 19).

Um acontecimento importante em Belém do Pará foi à implantação da diocese dando continuidade aos escritos paraenses, principalmente pelas produções do Frei D. João de São José. A principal delas, denominadas "visitas Pastorais-Miscelâneas-memórias" trazia relatos detalhados da população, seus costumes indígenas, dos rios, fauna e da flora. As habilidades linguísticas conferem a esses textos um teor descritivo literário e histórico.

O ilustre padre Antônio Viera, também foi figura importante na literatura nacional, com seus trabalhos religiosos no Pará e Maranhão. Seus famosos sermões foram produzidos inclusive em terras paraenses referentes às coisas dessa terra. Esse jesuíta visitou a companhia de Jesus, integrando a formação literária do Pará (AZEVEDO, 1992 apud ILDONE; MEIRA; CASTRO, 1990, p. 20).

O Pará esteve sobre as ordens administrativas do Maranhão, e somente duzentos anos depois da fundação de Belém a Literatura Paraense ganhou importância nas letras do Estado, período que começou expandir território na literatura. A este acontecimento Ildone, Meira e Castro, (1990, p. 21), anexam a esse fato a criação das cidades de Vigia, Cametá e Santarém e o papel que vem executar para formação de uma Literatura paraense. No século XIX, a produção literária paraense, sofreu influências das revoluções e ideias separatistas. Os ideais propostos, o clamor por liberdade inspirava versos exaltados e ufanistas.

A imprensa desempenhou papel importante na consolidação de uma literatura genuinamente paraense. Em Belém, entre as décadas de 20 e 50, aparecem algumas revistas literárias que podem ser entendidas como manifestações de um movimento modernista paraense. Podemos destacar três delas em especial, cada uma sendo representativa de uma década: Belém Nova, do decênio de 20, a Terra Imatura, de 30 e a Arte Literatura, de 40. Ressalta-se que a geração literária de 1920, em Belém, destacou-se pelo movimento da revista Belém Nova e sua admirável recepção do movimento literário modernista nacional.

Como destaca Menezes (1993, p. 14) essa revista paraense teve circulação quinzenal, por quase seis anos, "uma vida considerada bastante longa para um periódico literário daquele tempo", chegando a uma tiragem de cinco mil exemplares. A impressão era feita na gráfica oficial do Estado e a redação funcionava na Rua 28 de Setembro nº 6, em Belém. Nas páginas da revista publicavam-se poesias, crônicas, contos, novelas, reportagens locais e ensaios literários. Além de anúncios de estabelecimentos comerciais, de serviços de hotelaria, de profissionais liberais, de viagens de navio para a Europa, trazia em suas páginas coluna sociais com fotografias de crianças, senhoritas, casais e literatos da sociedade local; notícia de eventos como casamentos, aniversários, batizados e colação de grau.

Conforme ainda Menezes (1993) o poeta paraense Bruno de Menezes, juntamente com outros poetas e escritores estavam à frente da revista Belém Nova, onde movimentaram a literatura local quando publicaram textos com ideias representativas da nova estética que, fermentava no sudeste do país. A revista serviu como meio para que os próprios autores locais compreendessem o que estava realmente acontecendo no universo literário, na arte e no pensamento, pois o Modernismo abarcou mudanças decisivas na cultura nacional.

(...) o Modernismo representa um esforço brusco e feliz de reajustamento da cultura às condições sociais e ideológicas, que vinham, desde o fim da Monarquia, em lenta mudança, acelerada pelas fissuras que a Primeira Guerra Mundial abriu também aqui na estrutura social, econômica e política. A força do Modernismo reside na largueza com que se propôs a encarar a nova situação, facilitando o desenvolvimento até então embrionário da sociologia, da história social, da etnografia, do folclore, da teoria educacional, da teoria política. Não é preciso lembrar a sincronia dos acontecimentos literários, políticos, educacionais, artísticos, para sugerir o poderoso impacto que os anos de 1920-1935 representam na sociedade e na ideologia do passado (CANDIDO, 2000, p. 133).

A Literatura brasileira modificou-se expressivamente com o Modernismo, pois nele espalhou-se “a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário”, conforme afirma Candido (2000, p. 124). O próprio movimento Modernista acontecimento se deve em boa parte às aceleradas transformações culturais, políticas e sociais que já vinham ocorrendo no Brasil e no mundo, desde a primeira metade do século XIX.

Nos textos publicados na revista modernista paraense percebe-se a atitude do movimento literário local de receber e ampliar o ideal de renovação estético nacional. Aparecem como colaboradores Apollinario Moreno, Abguar Bastos, Carlos Nascimento, Chermont de Brito, De Campos Ribeiro, Dejard de Mendonça, Eneida de Moraes, Elzeman de Freitas, Eustachio de Azevedo, Farias Gama, Jacques Flores, Ignácio de Moura, Luiz Gomes, Lívio Cezar, Olívio Rayol, Paulo Oliveira, Pereira de Castro, Severino Silva, Vicente Abranches. Do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros, escritores como Almacio Diniz, Adelino Magalhães, Assis Garrido, Antônio Garrido, Carlos Garrido, Carlos Fernandes, Francisco Galvão, Jayme d’Altavilla, Martin Napoleão, Raul Bopp, Peregrino Junior e Tasso da Silveira.

Belém Nova, “embrião da nova geração moderna do Pará”, juntou “novos e velhos numa ambiciosa empresa literária” vinculada ao presente, sinalizando a preocupação com o regional e o nacional, consciente de um “Sul” do país que “irradiava novidade” e “ignorava” a literatura do Norte. Discorre Figueiredo (2001, p. 193). Era uma geração em que se misturaram tanto os escritores velhos quanto os novos, focados num mesmo propósito, irradiando novidades na literatura regional e nacional acolhendo um ao outro na revista, suas poesias, crônicas, contos etc. Afirma:

Em Belém, minha geração, que começara os primeiros passos em 1921, congregava na “Associação dos Novos” os “ansiados”, como nos chamava o saudoso Ângelus, artista que participara no Rio do movimento de Graça Aranha (...). Começamos quase todos, na “Província do Pará”, em sua segunda fase, ali na Rua 13 de Maio. Uma seção denominada “Coluna dos Novos”, se não laboro em equívoco, acolhia nossos versos, nossas crônicas e contos, dava-nos estímulo, enfim. Em 1924, quando a maioria do grupo já conseguia atrair sobre sua personalidade e atenção dos maiores das letras da terra, aqueles que a ironia de Raul Bopp, então conosco convivendo, chamava os “Jacarés Sagrados”, nossa intrepidez lançara ao mundo literário, não só do Pará, mas do país, a revista “Belém Nova”, que circulou de 1923 a 1929, com a interrupção de alguns meses, consequência das péssimas condições financeiras que tínhamos pela frente. Dirigia a revista Bruno de Menezes e depois Paulo de Oliveira (RIBEIRO, 1973, p. 16).

Era a geração conhecida como os “vândalos do apocalipse” (título criado por Bruno de Menezes) e, segundo Ribeiro (1973, p. 18.) conseguiu o apreço de alguns intelectuais, houve certa associação dos velhos literatos de Belém com os novos em torno de um programa definido. Os Vândalos do Apocalipse se animaram com o “dundunar de sapopema” e, como viajantes perdidos na decadência de uma “Belém de Paris”, o grupo de Bruno de Menezes, Abguar Bastos, Jacques Flores, Eneida, De Campos Ribeiro e outros mais tiveram voz para gritar pela liberdade literária de uma Belém Nova e conseguiram ser ouvidos. O movimento dessa revista encerrou em 1929.

Nos anos seguintes, esses autores lançaram livros, amadureceram seus estilos literários, enfim, seguiram itinerários diferentes: uns “pegaram o Ita no Norte e foram pro Rio morar”, outros permaneceram em Belém escrevendo, publicando livros e colaborando em outros periódicos (MEIRA; CLÓVIS et al, 1990, p. 120).

Passado o período de agitação do Modernismo, com a geração de Bruno de Menezes, surge na Revista Terra Imatura uma geração de novos poetas e escritores que afirmam com suas obras o movimento literário renovador da Belém Nova. A geração de 1930 se beneficia das conquistas dos primeiros modernistas, revelando uma obra mais amadurecida, que não tem a intenção de chocar o público. “Na poesia local, é o momento de Paulo Plínio Abreu, Dulcinéia Paraense, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, nomes de poetas paraenses dessa fase”.

Terra Imatura publicava fotografias da modernização da cidade sob a ação governamental do prefeito Abelardo Condurú, com frases ufanistas: “A capital das mangueiras, dos poetas, das morenas tostadas de sol”, a revista anunciava as novas paradas de bondes no Ver-o-Peso, a reforma da Praça do Relógio e da praça à beira-rio do bairro Condor. A revista contribuiu no sentido de congregar os intelectuais paraenses que estavam dispersos e isolados, esclarece Ladislau (1923, p. 16). Para o escritor a revista contribuiu para unir os intelectuais que estavam separados e reservados.

Informa Sodré (1995, p. 489) que a revista Terra Imatura circulou durante os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. “O assunto chamava a atenção dos redatores, que escreviam crônicas e artigos sobre esse fato, nos quais os autores colocavam-se avessos a tal situação da política mundial”.

Nesta revista, intelectuais movidos pela determinação de interpretar o Brasil e apreciar o homem e a terra representaram também nos desenhos que a ilustravam,

motivos da natureza regional e da cultura local, numa clara afirmação de historiar um país em sua peculiaridade. A revista possuía uma equipe de redatores desenhistas que muito colaborou como: Barandier da Cunha, Geraldo Correa, Guiães de Barros, Garibaldi Brasil.

Além da poesia, a revista publicou a prosa paraense por meio de textos que descreviam a paisagem regional, numa linguagem clara e direta, marcada por vocabulário pitoresco. Guilherme Paranatinga Barata, em *Terra Imatura* publicou trecho do romance inédito interior.

A nuvem branca vai aos poucos toldando a face da lua [...] O recolhimento envolve todas as coisas. Em todas as coisas paira a selvagem melancolia da noite amazônica. Arredondado, todo branco e em face da suavidade do momento o Forte Velho é como um mausoléu gigantesco plantado à beira do barranco. Descansam os canhões negros estirados no chão [...] Da cadeia vem ainda à voz alta e desafinada de João Rufino. O violão acompanha docemente: "sempre o teu ciúme vem me perseguindo" (BARATA, 1938, p. 15).

No romance, por ser narrativa mais introspectiva, o escritor volta-se para uma valorização ufanista da terra, preocupando-se com o homem e o meio ambiente, característica do regionalismo modernista. Portanto, os autores locais estavam em sintonia com a fase inicial do Modernismo brasileiro. Em outro momento, trata-se de novos valores, problemas e caminhos apresentados no campo literário, em uma fase quando houve mais disciplina do verso e maior preocupação com as dimensões regionais e políticas da literatura.

Conforme Menezes (1947) na literatura modernista em Belém houve uma complexa dinâmica social, que envolveu vários elementos dentro da configuração local da vida literária paraense. Primeiramente, a noção de que, havendo a afirmação de uma identidade modernista, principalmente por parte dos chamados "novíssimos", que entendiam o "modernismo" acima de tudo como renovação estética, há também a concomitante consideração da situação de produção cultural interna, com seus problemas e percalços específicos.

Houve, então, um duplo movimento, portanto: de atenção ao externo, vinculando-se às conquistas e obras advindas de um mundo cosmopolita, e de avaliação do interno. Bernard (1947) reconhece a existência de uma "geração moderna" nas letras da capital, já constituída e diferenciada em suas qualidades:

A geração modernista do Pará é uma geração liberta. Não teve orientadores. Ou mestres ou verdadeiros amigos. Desajudada realizou seu ideal, combatida traçou as suas diretrizes; errando aqui, indecisa ali, acertando acolá, mas sempre guiando solitária o seu destino e inteligência, a sua esperança e inquietação. As suas deficiências e rebeldias são mais características de sua difícil e insulada experiência do que, propriamente, reflexos de fraqueza e teimosia, diletantismo ou preocupação de ser diferente (BERNARD, 1947, p. 4).

É importante ressaltar no depoimento do autor supracitado que havia questão de uma “experiência insular”, que marca o caminho solitário dos modernos. Todavia, não fica suficientemente claro se ele refere-se a um distanciamento com relação a outros movimentos do eixo centro sul, marcando certa independência para com a influência destes, ou se ele marca a descontinuidade da produção literária dentro do próprio Estado.

Enfatiza-se a ruptura que há entre os modernos e a geração anterior, matizada, contudo, Bernardo afirma que “A geração velha fica para a nova, como uma espécie de bisavô ante o bisneto, em concepção de vida, filosofia política e sensibilidade poética. Contudo, há entre os velhos do Pará algumas poucas exceções de renovação e vontade de entendimento às conquistas e sinais de nosso tempo” (BERNARD, 1947, p. 4).

No caso da literatura modernista em Belém, a imagem que alcançamos não foi a de uma superficial adesão/recusa do modernismo de extração paulista-carioca, tal como comumente se empreende, mas sim a de uma complexa dinâmica social, que envolve vários elementos dentro da configuração local da vida literária paraense. Além da noção de que, havendo a afirmação de uma identidade modernista, principalmente por parte dos chamados “novíssimos”, que entendiam o “modernismo” acima de tudo como renovação estética, há também a concomitante consideração da situação de produção cultural interna, com seus problemas e percalços específicos. Duplo movimento, portanto: de atenção ao externo, vinculando-se às conquistas e obras advindas de um mundo cosmopolita, e de avaliação do interno.

Mas o duplo movimento inicialmente constatado está ligado a outro fator de grande relevância: a posição dos produtores no espaço social. Bruno de Menezes desnuda cruamente a precariedade do ser escritor na província – a ausência de condições estruturais, como o incentivo à publicação, o acesso aos meios de divulgação, ausência dos meios de subsistência literária, o que leva o escritor ou a abandonar as letras ou a migrar, procurando condições melhores para sua atividade;

outros autores, beneficiando-se de uma posição mais "arejada", elogiam a efervescência e a abertura cosmopolita da cultura regional, concentrando a avaliação da situação interior nos termos de uma oposição estética entre "novíssimos" e "velhos".

A produção literária paraense ainda é de difícil acesso, mesmo com adventos tecnológicos e as possibilidades de reedição observa-se que muitos dos autores clássicos não estão nas prateleiras das livrarias, chegando somente em eventos anuais, como a Feira Pan-amazônica do Livro.

Cada um dos autores trilha seu próprio caminho por conta da desorganização da cena local, isso devido à extrema carência de editoras e gráficas, os escritores tem que ver se voltar ao mercado do sul e sudeste. Não raro, os escritores são mais conhecidos nas regiões em que imprimem suas obras do que no próprio estado.

Dos anos noventa até a atualidade, surgem novos autores e com eles novas formas de fazer e apreciar literatura. A escritora Élide Lima é um dos melhores exemplos. Sua obra "cartas ao Max: limiar afetivo da obra de Max Martins" é uma produção instigante e inusitada com poemas e ensaios, estabelecendo um diálogo criativo.

Portanto, observa-se que a consolidação produção literária paraense deve ser ao esforço principal de quem se propunha um estudo do modernismo para uma configuração particular dos elementos envolvidos na criação e na dinâmica literária do Estado.

A produção literária em Itaituba, Pará, local do contexto de produção da maiorias das escritas poéticas de Nato Aguiar, escritor em estudo, tem sua origem como em toda e qualquer outra, na oralidade, o que vem desde os primórdios das civilizações por conta de necessidades básicas como acalantar ou mesmo educar os filhos, para explicar fenômenos da natureza ou fatos do cotidiano.

Como em outras histórias da literatura oral, a literatura itaitubense também se valeu-se dos mitos e lendas originários do local, muitos inspirados na mitologia grega que aqui recebem uma nova roupagem, se posicionando em outra dimensão, influenciadas pelo contexto regional amazônico, dando assim surgimento a novas lendas, como por exemplo a "cobra grande".

A Literatura escrita em Itaituba caminhou em passos lentos por envolver recursos financeiros e intelectuais. A cultura da região se pautava no "El Dourado", o sonho da riqueza e mesmo da sobrevivência girava em torno da garimpagem,

trabalho que não exige escolaridade. "Poucas eram as publicações existentes" e Itaituba, das quais podemos citar "Viagem pelo Tapajós, do francês Henry Codreau, de passagem pela região, e uma obra com reportagens jornalísticas intitulada Ouro e Sangue", do militante político Luiz Fernando Sadec. Atualmente, com a chegada de faculdades e cursos profissionalizantes, há uma evolução na produção literária local, havendo muitas obras, mas falta uma política de incentivo e respaldo.

2.3 PRINCIPAIS AUTORES E OBRAS DA ESCRITA LITERÁRIA PARAENSE

Aqui cita-se para efeito de disseminação de conhecimentos alguns dos principais autores da escrita literária no Estado do Pará.

Benedito Nunes (1929-2011). - nasceu em Belém, onde. Sempre residiu, embora tenha feito muitas viagens ao exterior e a outros estados brasileiros, sobretudo voltados a estudos ou como professor.

Bacharelou-se em Direito. Casou-se com Maria Sylvia, sua colega desde o curso primário. Trabalhou na antiga Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) e no Tribunal de Contas do Pará, contribuindo, assim, na ordem da ação prática, com o pensamento sobre o planejamento, as políticas públicas e o desenvolvimento regional. No entanto, sua maior contribuição como intelectual vem da reflexão acadêmica. Foi Professor Emérito da UFPA e, como professor visitante, de universidades no exterior.

Realizou estudos de pós-graduação com pesquisas sobre o modernismo brasileiro, no Instituto de Estudos Portugueses e Brasileiros da Sorbonne. Foi bolsista da Guggenheim Foundation em 1970. Na UFPA, aposentou-se em 1992, mas prosseguiu sua trajetória intelectual pronunciando conferências e dedicando-se à própria produção bibliográfica, cercado de livros que formam sua biblioteca particular.

De 2004 a 2010, participou das atividades do Centro de Cultura e Formação Cristã da Arquidiocese de Belém (CCFC), ministrando cursos e fazendo palestras, programação sempre aberta gratuitamente ao público interessado em literatura e filosofia, bem como na aproximação das áreas do conhecimento que compõem o traço mais forte da sua obra (CASTRO, 1999, p. 14).

Livros - aqui citados com as respectivas datas de suas primeiras edições: - "O mundo de Clarice Lispector" (1966), "Introdução à Filosofia da Arte" (1966),

"Filosofia Contemporânea" (1966), "Farias Brito - trechos escolhidos" (1967), "O Dorso do Tigre" (1969), "João Cabral de Melo Neto" (1971), "Leitura de Clarice Lispector" (1973), "Oswald Canibal" (1979), "Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger" (1986), "O tempo na narrativa" (1988), "No tempo do niilismo e outros ensaios" (1993), "Crivo de Papel" (1998), "Hermenêutica e Poesia - o pensamento poético" (1999), "O Nietzsche de Heidegger" (2000), "Dois ensaios e duas lembranças" (2000), "Heidegger e Ser e Tempo" (2002), "Crônica de duas cidades - Belém e Manaus" (com Milton Hatoum, em 2006), "A Clave do Poético" (2009) e "Ensaios filosóficos" (2010) (CASTRO, 1999, p. 17).

Inglês de Sousa (1853-1918) - Herculano Marcos Inglês de Sousa nasceu em Óbidos, PA. Foi advogado, professor, jornalista, contista e romancista, Compareceu às sessões preparatórias da criação da Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 28, que tem como patrono Manuel Antônio de Almeida. Na sessão de 28 de janeiro de 1897 foi nomeado tesoureiro da recém-criada Academia de Letras.

Fez os primeiros estudos no Pará e no Maranhão. Diplomou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo, em 1876. Foi presidente das províncias de Sergipe e Espírito Santo. Fixou-se no Rio de Janeiro, como advogado, banqueiro, jornalista e professor de Direito Comercial e Marítimo na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais. Foi presidente do Instituto dos Advogados Brasileiros.

Conforme esclarece Leite (1996, p. 24) Inglês de Sousa foi introdutor do Naturalismo no Brasil, um artista literário atemporal que embora tratado como naturalista, aborda temas recorrentes de outras escolas literárias, daí surge à dificuldade de se encaixar suas obras em apenas uma corrente estética.

Escreveu diversas obras jurídicas e colaborou na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro. Obras: Contos amazônicos, (1893); O coronel sangrado (1877); O missionário, (1877); O cacaulista, (1876); A história de um pescador (1876) e *A Quadrilha De Jacó Patacho*, história que remete à Cabanagem, é destacando-se por chamar a atenção para a Amazônia Paraense durante esses fatos históricos, bem como a relação de poder estabelecida entre os dominantes e os dominados.

Ruy Barata (1920-1990) - Ruy Guilherme Paranatinga Barata nasceu em Santarém no Pará, cidade localizada às margens do rio Tapajós. Filho de Alarico de Barros Barata e Maria José Paranatinga Barata (dona Noca). Veio para Belém aos 10 anos de idade a fim de estudar o ginásio. A família mudou-se para Óbidos, outra

cidade do Baixo Amazonas. Coursou as duas primeiras séries no internato do Colégio Moderno e, as três últimas, no Instituto Nossa Senhora de Nazaré - colégio religioso dirigido pelos Irmãos Maristas.

Estudou ainda no Colégio Estadual "Paes de Carvalho". Neste colégio, juntamente com outros dois colegas, Cléo Bernardo e Carlos Eduardo da Rocha, fundou a revista literária e política Terra Imatura. Formou-se pela Faculdade de Direito do Pará, em 1943. Exerceu o jornalismo profissional. Trabalhou no jornal Folha do Norte. E dirigiu nos anos 60, o Suplemento literário de A Província do Pará. Elegeu-se deputado estadual pelo Partido Social Progressista, em duas legislaturas, de 1947 a 1954. Lecionou Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Artes.

Em 1964, período de repressão militar foi preso por diversas vezes, pois o mesmo era ativista político e, por fazer parte do PCB, Partido Comunista Brasileiro, preocupava-se em falar sobre liberdade de escrita. Conceição (2015) destaca que ele empenhava-se em discutir os problemas da humanidade que viam a liberdade individual da escrita como uma conquista do pensamento moderno. No mesmo ano foi demitido do cartório em trabalhava e aposentado, compulsoriamente, do magistério superior. Com a anistia foi readmitido como professor da Universidade Federal do Pará. Morreu em São Paulo, onde foi fazer uma cirurgia e foi sepultado em Belém.

Ruy Paranatinga era dotado de talentos e exercia muitas profissões: poeta, advogado, deputado, cartorário, revolucionário, presidiário, futebolista, jornalista, sambista, letrista, professor. Escritor, pesquisador, tradutor, ator, tenor, carregador, consultor (OLIVEIRA, 1990, p. 24). Seus livros: Anjo dos Abismos (poesia, 1943); A Linha imaginária (poesia, 1951); O Nativo do Câncer (1960); Antilogia (poesia, 2000).

Dalcídio Jurandir (1909-1979) - Dalcídio Ramos Pereira na Vila de Ponta de Pedras (Ilha do Marajó, PA). Filho de Alfredo Pereira e Margarida Ramos. Em 1910, mudou-se para Vila de Cachoeira, na mesma ilha. Ali passou sua infância, aprendendo com sua mãe as primeiras letras. Em 1916, passou a frequentar a Escola Mista Estadual. Fez o curso primário do Professor Francisco Leão, em 1921. No ano seguinte, partiu para Belém, onde se matriculou no 3º ano elementar do Grupo Escolar Barão do Rio Branco. Obtém o certificado de estudos primários, em 1924. Matricula-se, no ano seguinte, no Ginásio Paes de Carvalho. Antes de

completar o segundo ano, em 1927, cancelou sua matrícula e viajou para o Rio de Janeiro. Em 1931, na capital Belém, foi nomeado auxiliar de gabinete da Interventoria do Estado.

Comunista assumido participou ativamente do movimento da Aliança Nacional Libertadora. Foi preso em 1935, tendo ficado dois meses no cárcere. Em 1937, foi preso novamente e ficou três meses detido. Somente em 1938 retornou a Marajó, reassumindo suas funções na Diretoria de Educação e Ensino, tendo sido designado a exercer a comissão de Inspetor Escolar em Salva terra (UNAMA, 1996, p. 19).

Trabalhou na Delegacia de Recenseamento. No final do ano viajou para o Rio de Janeiro, onde passou a exercer, em 1942, intensa atividade jornalística em "O Radical" e Diretriz, sendo que neste último atuava como redator, repórter e colunista. Em 1945 e 1946, fez parte da redação do jornal Tribuna Popular e colaborou nos jornais O Jornal, A classe operária e na revista O Cruzeiro. Em 1956, no seminário Para Todos, trabalhou ao lado de Jorge Amado, como redator. O escritor faleceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ), sendo sepultado no Cemitério de São João Batista.

Colaborou com vários jornais e revistas, como "O Imparcial", "Crítica" e "Estado do Pará" e, no ano seguinte, na "Guajará-mirim" e "A Semana". Em 1940, foi agraciado com o Prêmio Dom Casmurro de Literatura, concedido pelo jornal de mesmo nome e pela Editora Vecchi, com o romance "Chove nos Campos de Cachoeira". Obras em destaque aqui: Chove nos campos de cachoeira (1941); Marajó (1947); Três casas e um rio, romance. (1958); Belém do grão Pará (1960); Passagem dos inocentes. Poemas impetuosos (2011).

Salomão Laredo (1949-2019) - nasceu em Cametá. Foi um jornalista, advogado, poeta, contista e romancista brasileiro. Estudou no interior do Pará (Vila do Carmo, Mocajuba, Tucuruí, Baião e Cametá) depois, em Belém, e Garanhuns, cidade de Pernambuco. Formou-se em Direito pela Universidade Federal do Pará, e fez parte de movimentos políticos-estudantis e da publicação de jornais.

Foi repórter, redator, editor e trabalhou nos jornais Folha do Norte, onde iniciou a publicação de textos, *A Província do Pará* e *O Liberal*, e em agências de publicidade. Receberam por sua atividade literária, prêmios e menções honrosas do município São Bernardo do Campo (São Paulo), da Academia Carioca de Letras, no Rio de Janeiro, e em Belém, da Academia Paraense de Letras.

Salomão Laredo tem especialização em língua portuguesa pela Universidade do Estado do Pará, e mestrado em estudos literários, pela Universidade Federal do

Pará. Pela Unicamp tem curso de extensão em direção geral de programas. É atualmente advogado e trabalha na prefeitura municipal de Belém, onde já exerceu inúmeras funções, como de consultor jurídico da Secretaria Municipal de Saúde e Meio-Ambiente – Sesma e diretor-geral da Secretaria Municipal de Administração entre outras. É professor titular da Escola Superior da Amazônia, lecionando a disciplina Literatura Brasileira de Expressão Amazônica, com ênfase na literatura paraense.

Recebeu menção honrosa da Academia Paraense de Letras pelo seu livro de contos. Foi homenageado, em 2004, pela Secretaria Executiva de Educação (SEDUC), por sua contribuição literária ao Estado do Pará. Recebeu medalhas e diplomas de diversas instituições paraenses por sua participação na cultura, entre as quais, Academia de Jornalismo, Conselho Estadual de Cultura do Pará.

Há quase trinta anos dedica-se à promoção da leitura, empenhado em formar leitores com consciência social crítica e política. É do conselho do comitê de leitura da Associação Nacional dos Jornais, coordenador do programa O Liberal na escola, que visa formar leitor crítico. Trabalha em prol do livro, leitor e leitura, de instalação de bibliotecas e da democratização do acesso ao livro, tendo inúmeros artigos publicados nessa área. Vêm trabalhando na instalação de espaço de leituras nos barcos, canoas, cascos, motores, rabetas e lanchas no baixo-Tocantins, região de Cametá, na Amazônia, e nos ônibus na região metropolitana de Belém.

Obras do autor: Senhora das Guamares; Remos de faia; As mil e uma noites amazônicas; Águas tocaninas; A Vingança da Amada nas Ardências da Amante;

Chapéu Virado – a lenda do boto; O Prazer de Ler e Escrever - Ouvindo Histórias do Imaginário Amazônico; Marcas D'água – aerotextos; Timbuí - a lenda da anta – Conto;

Eu lhe direi sem embaraço – em parceria; Vera – o romance – 2000; Moiraba – a lenda do sapo – Conto; Capitariquara e na Conceição dos Araguaias; Trapiche – aerotextos;

Lâmina Mea – mulher não chora ou Suzama matriz; Matinta Perera;

Embaixo do Casco; Águas; Sibeles Mendes de amor e luta; Amor Engarrafado; Os papagaios do paruru; Moju Moju meu amor; Boiúna-me; Matintresh; Jibóia Branca via Tapanã/ Tenoné; Palácio dos Bares; Antonia Cudafacho - romance - encíclica cametaense; A garota que tentou bater na mãe com a vassoura e ficou seca na hora; Sarrabulho - a lenda da cobra Norato; Cametá-Camutás - cadernos

populares; Os Fofós de Cametá; Marabaenses; Ilha das Flores; A Família Larêdo - memória afetiva; Lygia da Cunha Nassar - livro de memória; Vila do Carmo - Paisagem de Afetos.

BRUNO DE MENEZES (1893-1963) - Bento Bruno de Menezes Costa nasceu na cidade de Belém. Filho de pais pobres estudou apenas o curso primário no Grupo Escolar José Veríssimo, iniciando-se logo na vida de aprendiz de encadernador na oficina de Tó Teixeira – mestre de violão e figura da música popular paraense – onde teve contato com livros que lá estavam para serem encadernados. O objeto do ofício despertou-lhe o interesse pela leitura, ajudando-o a tornar-se autodidata. Bruno de Menezes foi funcionário público estadual do Tesouro do Estado e, posteriormente, da Secretaria de Agricultura.

O escritor teve papel importantíssimo no modernismo literário no Pará, onde fundou e dirigiu a revista Belém Nova (1923-1929), reunindo jovens poetas e intelectuais paraenses a fim divulgarem as novas ideias estéticas e literárias do Movimento Modernista. Bruno de Menezes assinava, também, com os pseudônimos de João de Belém, Berilo Marques e Zé Boêmio. Faleceu em Manaus em 1963.

Livros: Poesia-Crucifixo (1920), Bailado lunar (1924), Poesia (1931), Batuque (1931), Lua sonâmbula (1953), Poemas para Fortaleza (1957), Onze sonetos (1960). Folclore – Boi bumbá: auto popular (1958), São Benedito da Praia: folclores do Ver-o-Peso (1959). Estudos Literários – A Margem da cuia pitinga (1937) – estudo sobre o livro do poeta Jacques Flores. Ficção – Maria Dagmar (1950) novela e o romance Candunga (1954). Vale aqui mostrar um trecho de seu poema “O operário”:

Fadigado levanta-se o operário
 Por haver trabalhado o dia inteiro;
 E mesmo sem dirigir-se ao calvário
 Do seu agro labor – o grande obreiro...
 Se caso não chega por primeiro
 Antecedendo da oficina o horário,
 Se quiser para o almoço ter dinheiro
 Tem de estudar de doestos em rosário
 (MENEZES, 1993, p. 453).

A poesia retrata a vinda dos imigrantes nordestinos para a Amazônia fugindo da seca e da fome, em busca de melhores condições de vida. Encontrando aqui dificuldades de acomodação, de emprego.

Campos Ribeiro (1901-1980) - José Sampaio de Campos Ribeiro, O "velho" De Campos Ribeiro, como era conhecido. Nasceu em Belém. Foi jornalista, crítico, folclorista, memorialista. Foi membro da Academia Paraense de Letras. Faleceu em 1980. Obras: Aleluia (poesia, 1930); Horas da tarde (poesia); Brasões de Portugal (poesia, 1980); Gostosa Belém de outrora (crônica 1966); Graça Aranha e o Modernismo no Pará (ensaio, 1969).

Eneida De Moraes (1904-1971) - Eneida Vila Boas Costa (Moraes é sobrenome do marido) nasceu na cidade de Belém. Colaborou em jornais e revistas de Belém, publicando crônicas e poesias. Sofreu as sanções impostas por um governo ditatorial, pois defendia o enfrentamento dos poderosos e a proteção do povo trabalhador. Desde jovem já desenvolvia esse pensamento libertador, mesmo sendo filha de um militar.

Filha de um comandante e de uma professora, o nascimento do pensamento crítico na menina pode ser atribuído às aulas particulares de sua mãe. Nunca faltavam comentários políticos sobre a disputa eleitoral em Belém do Grão Pará. Depois, vieram os livros de autores como Máximo Gorki e Victor Hugo, que, lhe emocionavam com narrativas em que os poderosos eram enfrentados (DANTAS, 2016, p. 19).

Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1930. Ingressou no Partido Comunista. Presa por questões políticas, em 1936, foi companheira de prisão de Graciliano Ramos, que a menciona em Memórias do cárcere. Trabalhou como repórter, cronista, tradutora, articulista política. Nos anos 50, residiu em Paris, enviando colaboração para o Diário Carioca. Em 1954, criou no Rio de Janeiro o famoso "Baile do Pierrô", frequentado por artistas e intelectuais, faleceu no Rio de Janeiro, em 1971.

Livros: Terra verde (poesia, 1929); Quarteirão (conto, 1936); Paris e outros sonhos (crônica memorialista); Sujinho da terra (literatura infantil, 1953); Cão da madrugada (crônica 1954); Alguns personagens (reportagem, 1954); Aruanda (crônica 1957); História do carnaval carioca (ensaio, 1958); Os caminhos da terra (relato de viagens a países socialistas, 1959); Romancistas também personagens (ensaio, 1962); Banho de cheiro (crônica, 1963) e Boa noite, professor (crônica 1965). Vejamos um poema de Eneida publicado em seu primeiro livro, intitulado. *Vem aí a Festa!*

*A festa que toca no coração do povo nobre...
 A festa de Belém inteira,
 A maior festa do Pará.
 N. Senhora De Nazaré. É em outubro.
 E por um velho costume,
 A municipalidade manda pintar de branco o tronco das mangueiras da cidade.
 As lindas mangueiras de Belém...
 Quando todo mundo se prepara para a festa religiosa
 As mangueiras,
 Assim pintadas de branco,
 Parecem bailarinas pagãs,
 De braços erguidos para o alto,
 Dançando, dançando.
 Enquanto o vento vai tocando sua canção...
 Bailarinas presas no chão,
 De gestos largos, graciosos e lindos,
 Gestos infinitos
 As mangueiras são as bailarinas elegantes da cidade.
 Bailarinas de saias brancas e corpetes verdes.
 Bailarinas da volúpia do vento
 Namoradas do Sol
 Amantes da Lua
 Mangueiras lindas...
 (MORAIS apud MEIRA, 1990, p. 317).*

Destaca-se essa poesia por retratar um evento de grande importância para a cultura paraense no mês de outubro que é a festa de Nossa Senhora de Nazaré, um evento que reúne pessoas de várias posições sociais e cidades diferentes do Pará, enfatizando a beleza do lugar e a ornamentação para essa grande festa. Uma festa onde muitos agradecem as bênçãos e curas recebidas de nossa senhora de Nazaré, expondo a grande fé do povo Paraense. Segundo Dantas (2016), Eneida amava festas populares, em especial o carnaval, onde a mesma expõe que todas as fronteiras sociais desabam.

Antônio Tavernard (1908-1936) - Nasceu, no mês do Círio de Nazaré e por isso foi batizado com o nome de Antônio de Nazareth Frazão Tavernard. A alegria em sua poesia supera a dor de ter sofrido, em toda a sua juventude, do mal de Hansen, doença que o vitimou aos 28 anos de idade no ano de 1936. Mas, sua poesia contorna toda essa tragédia para transparecer luminosa e alegre, como a dos grandes poetas que fizeram da juventude o seu entusiasmo.

Seu talento para a literatura se revelara quando obtém o segundo lugar no concurso de Contos Nacionais da Revista Primeira. A influência para a literatura vem diretamente de seu pai, leitor de Eça de Queirós, de Alexandre Herculano, de Machado de Assis, de Álvares de Azevedo, entre outros autores clássicos. (CHAVES, 1986).

Foi jornalista, dramaturgo e compositor, além de poeta lírico. Também foi um dos redatores da revista A Semana, uma das mais importantes a circular em Belém na década de 1930. Observa-se como destaque a habilidade de Tavernard com o soneto;

*Minha linda boneca de pelúcia,
Com sutis redondezas de mulher
Tem um nome romântico — Alba Mucia
E um perfume que canta — Chante Clair [...].
À noite, quando saís do inexistente
E vens viver alucinadamente
Entre um grande soluço e um grande beijo
Nas páginas do livro onde te lanço
Sinto que é carne porque te desejo
Sinto que é sonho porque não te alcanço.*

(Revista Paraense, A Semana, nº 700, em 20 de fevereiro de 1932).

Observamos o místico-amoroso, entre os planos físico e espiritual. Belo é ver neste soneto a vida como um livro, onde o poeta escreve a carne e o sonho, o corpo e o espírito, duas substâncias feitas pela mesma matéria: a poesia.

Principais obras: Prosa: Fêmea; Os Sacrificados. Poesia: Sonetos de Tavernar; Místicos e Bárbaro. Teatro: A Casa da viúva Costa; A Menina dos 20 mil; Seringadela.

Max Martins (1926-2009) nasceu em Belém. Além de Poeta foi colaborador na Revista Literária Encontro, Noticiarista e Secretário de Redação do Jornal Folha do Norte e Diretor da Fundação Cultural Casa da Linguagem entre outros (COIMBRA, 2000).

Max fazia da poesia seu espelho da alma, e por meio dela externava todo o talento que tinha para falar do mundo que o cercava “A minha poesia tem uma relação muito veemente com a vida, É poesia-vida, Vida poesia.” relata que “para ele, cultivar a poesia significava estudá-la, e estudá-la, cultivava o conhecimento de mundo através dela” (NUNES, 2009).

Suas principais obras publicadas são: (*Marahu Poemas – Inédito* (1992), *60/35* (1985), *Caminho de Marahu* (1983), *A Fala entre Parêntesis* (1982), *O Risco Subscrito* (1980), *O Ovo Filosófico* (1976), *Ante-Retrato* (1960); *O Estranho* (1952); *Não é para consolar*; *Caudrons of Creativity*).

Haroldo Maranhão (1927- 2004) - nasceu em Belém, um escritor que ingressou no mundo das letras através do jornalismo impresso. Após conquistar o cargo máximo de editor chefe do jornal *A Província do Pará*, iniciou um novo projeto, a criação de uma livraria. Dom Quixote, foi realizado com o apoio de Mário Faustino e acabou por tornar-se um ponto de encontro dos intelectuais na capital, na década de 1940.

As situações que o adolescente vivia no jornal forçavam-no a uma compreensão rápida dos fatos. Haroldo, então lia ouvia e escrevia as mais comuns e as mais estranhas histórias. Esse período marca definitivamente sua literatura, que recupera, numa linguagem que se aproxima do estilo jornalístico, as narrativas da cidade, tais como buliçosas anedotas, as histórias de fantasmas e assombrações que eram ouvidas, a porta de casa, nas noites sem televisão (ALVES, 2006, p. 16).

Seus principais livros são: *A estranha Xicara*; *O Tetraneto Del Rey – O Torto*: suas idas e vindas; *Flauta de Bambu*; *As Peles Frias*; *Chapéu de Três Bicos*. Haroldo Também foi um escritor de histórias infantil com vários títulos publicados, são lelés: *Dicionário Maluco*; *O Começo da Cuca*; *Quem Roubou o Bisão?*; *A Árvore É uma Vaca*.

Em Itaituba, além do poeta/letrista Nato Aguiar, cita-se Djalмира de Sá, poeta mais com a produção principalmente de livros didáticos de teóricos, Atiana Gomes, poeta que também publicou o primeiro livro no campo da literatura garimpeira, Mara Nascimento, produzindo poesias, contos e romance além de artigos científicos, Nazareno Santos, poeta e contista, Norma Yolanda, com poesias que retratam muito do imaginário verde/água desta terra, Carlos Paiva com poesias e crônicas ora engajadas ora regionais, entre outros.

3 METODOLOGIA

3.1 PROCEDIMENTOS GERAIS DA PESQUISA

Quanto ao **procedimento técnico trata-se de uma** pesquisa bibliográfica. Segundo Fonseca (2002), uma pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web.

Corroborando Gil (2008) confirmando que “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. Portanto, para desenvolver este trabalho foi utilizada a pesquisa de cunho bibliográfico, pois o tema escolhido solicitou uma intensa pesquisa em livros e artigos.

Por meio do referencial teórico utilizado, o estudo pode proporcionar um leque de informações, ampliando o conhecimento desejado. As informações foram selecionadas com leituras detalhadas e prolongadas, com a marcação dos parágrafos de maior destaque à pesquisa.

Destaca-se, Ildone, Meira, Castro (1990), Barata (1973), Loureiro (2001), como autores consultados que embasam esse estudo por descrever o Pará em toda completude, analisando o estado do ponto de vista social, cultural, místico, disponibilizando uma visão completa dos costumes e tradições do povo paraense e o imaginário da Amazônia paraense, em especial sua Literatura.

Quanto à **natureza** é pesquisa **básica**, pois, objetiva gerar conhecimentos úteis, sem aplicação prática prevista, envolvendo verdades e interesses universais. Portanto, se buscou, através de fontes bibliográficas, entender o imaginário da Amazônia Paraense e as suas dicotomias pertinentes para logo em seguida, ser explorado o imaginário paraense dentro das poesias do escritor e compositor Nato Aguiar.

Quanto aos **objetivos** esta pesquisa é **exploratória**, pois foram indicados, de modo geral, os pontos relevantes formulando-se suposições sobre os fatos observados para proporcionar maior vinculação ao objeto estudado e investigado, permitindo ainda, escolher as técnicas adequadas para a pesquisa e para que se pudesse decidir sobre as questões que necessitam de maior atenção durante a investigação do assunto.

Quanto à **abordagem** esta pesquisa é qualitativa, qual se empenha e dedica-se a interpretar aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando na compreensão e explicação, no caso deste trabalho, estudo quanto ao aspecto cultural Literário focando o Imaginário Paraense.

Portanto, os resultados analíticos retiraram ideias próprias desta pesquisadora a respeito do conteúdo estudado, entendendo e situando o imaginário paraense na obra do autor, assim como no contexto da cultura, tanto no ponto de vista histórico como no ponto de vista teórico, observado na mensagem do texto.

Explorando a produção exposta, pretendeu-se dialogar a respeito das ideias do autor, indagando, fazendo comparações, exercendo atitude crítica diante das posições do autor em termos de argumentações, enfim, levantando e debatendo questões explícitas e implícitas no texto e, principalmente, buscando nos seus versos mostrar o retrato do imaginário local.

3.2 QUANTO A COLETA E TRATO DOS DADOS

A coleta de dados para os resultados e discussões valeu-se do procedimento da pesquisa documental, qual Fonseca (2002, p.32) declara que recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamentos analíticos, neste estudo as poesias disponibilizadas por nato Aguiar via E-mail, bem como, letras de canções, aqui consideradas como poesia literária, coletados do CD Ita em Canções.

O referido CD foi realizado pela TV Tapajoara de Itaituba, canal 7, em Dezembro de 2005, reunindo 12 faixas de músicos compositores, letristas e poetas, inclusive Nato Aguiar, representando um resgate através da música e dos ritmos, mostrando lendas, história, cultura e costumes existentes na Amazônia paraense, em especial do município de Itaituba.

Raimundo Nonato Aguiar Oliveira nasceu na cidade de Santarém no Pará no dia 29 de Março de 1966. Estudou na escola Alvaro Adolfo da Silveira. Graduado em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA). E, mestre em educação pela Universidade Federal do oeste do Pará. Especialista em docência para o magistério superior.



Ilustração 2 – Cantor Nato Aguiar. Fonte: <https://www.facebook.com> (2019).

É musicista e cantor de música popular com quatro discos lançados. Atualmente mora em Santarém e é professor auxiliar efetivo no curso de música da Universidade do Estado do Pará – UEPA e coordenador adjunto do referido curso atualmente.

Itaituba é uma cidade, localizada no estado do Pará e um dos principais centros econômico do oeste do Paraense. Itaituba é a décima maior cidade do oeste paraense, e possui o décimo terceiro maior produto interno bruto (PIB) no estado.

A cidade é considerada de médio porte, e uma das cidades que apresentam crescimento econômico acelerado no interior do Brasil. A origem do nome é tupi, significado “ajuntamento de água da pedra”, através da junção dos termos Ita (pedra) e (água).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 O IMAGINÁRIO: CONCEPÇÕES GERAIS E A AMAZÔNIA PARENSE

Ao dedicar-se a análise quanto ao imaginário paraense expresso na escrita poética de Nato Aguiar surge à indagação básica: Afinal do que se trata o imaginário? De modo geral, a noção de imaginário não é simples de ser compreendida. Estudiosos de vários campos do conhecimento já tentaram delimitar o que seria e o que abarcaria o imaginário.

Quando se fala em imaginário vários conceitos surgem na mente, tais como imagem, imaginação, fantasia, lembranças, devaneios, sonhos, crenças, mitos, ficções, lendas, entre outros. Silva (2003, p. 7) esclarece sobre o Imaginário como a imagem constitui uma representação mental formada a partir de vivências, lembranças e percepções passadas, afirmando ser "impossível de ser modificado por novas experiências". Portanto, imaginação e imaginário estão diretamente ligados visto que as imagens compõem a imaginação que por sua vez dá origem ao imaginário.

Ressalta-se que as imagens podem ser símbolos, metáforas, ilustrações, sentimentos, enfim, tudo aquilo que pode ou não corresponder materialmente à coisa imaginada. Uma fotografia e a paisagem fotografada, por exemplo, são materialmente distintas, porém incrivelmente próximas quando atentamos para o poder que a imagem possui de presentificar o ausente.

Na concepção de Durand (1988, p. 48) o imaginário não é um simples conjunto de imagens que vagam livremente na memória e na imaginação, pois há uma organização com certa lógica "[...] de modo que a configuração mítica do nosso imaginário depende da forma como arrumamos nele nossas fantasias".

Para Silva (2003, p.8) "todo imaginário é uma narrativa. Uma trama. Um ponto de vista, uma construção coletiva, anônima e sem intenção". Com isso, percebe-se que o imaginário é algo mais complexo do que um conjunto de imagens, sendo assim uma gama de vivências, valores, sentimentos, sensações, lembranças, afetos e estilos de vida comuns a um coletivo.

Compreende-se que o imaginário não se trata puramente do contrário ao real, apesar de opor-se à realidade no sentido de distorcê-la e tecer uma noção idealizada da mesma, vem ser manipulado a partir das vivências coletivas e

esclarece de uma maneira que haja uma compreensão comum àqueles que partilham dessa rede de valores e sensações. Portanto, independente de qualquer palavra que se use para lhe atribuir um significado, não se pode esquecer que o imaginário e a realidade estão sempre presentes na vida de todo ser humano.

O imaginário é o conjunto de relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens. E esse capital pensado pelo homem se constituiu no seu capital cultural, englobando todos os elementos que fazem parte de sua cultura (DURAND, 1997, p. 14). Os seres humanos constroem a cultura através do seu imaginário e da mesma forma elaboram seus imaginários a partir do local de fala, ou seja, da sua cultura.

A construção do imaginário individual se dá, essencialmente por identificação (reconhecimento de si no outro), apropriação (desejo de ter o outro em si) e distorção (reelaboração do outro para si). O imaginário social estrutura-se principalmente por contágio: aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação, (igualdade na diferença) e imitação (distinção do todo por difusão de uma parte). [...] O imaginário explica o 'eu' (parte) no 'outro' (todo). Mostra como se permanece individual no grupo e grupal na cultura (SILVA, 2003, p. 13).

O imaginário é fruto da cultura e ao mesmo tempo um dos elementos que fundamentam e dá corpo a mesma. Isso acontece porque o homem é constantemente influenciado pela mediação de diversos aspectos culturais, utilizando os símbolos que já estão disponíveis e ressignificando de acordo com o contexto no qual se encontra.

Warnier (2000, p. 19) compara a cultura com uma bússola, pois é ela que mostra quem é, e a que lugar pertenceu, "nos identificando com alguns grupos e nos diferenciando em relação a outros". Então, o imaginário vem complementar guia de hábitos, comportamentos e crenças, construindo uma visão de mundo, outra forma de realidade que considera não apenas elementos concretos e palpáveis dessa realidade, mas que leva em conta o não real, o sonho, o sentimento, a imprecisão.

Thompson (2008, p. 163) esclarece que tradição "é qualquer coisa transmitida ou trazida do passado", portanto, o imaginário é constantemente formado a partir das experiências e crenças transportadas de gerações passadas para as atuais, os saberes populares, as lendas e as narrativas orais, muito presentes no imaginário do paraense, também mostram a sua natureza tradicional. Assim, o homem se projeta no meio em que vive, e cria e recria o seu imaginário, construindo seu próprio conhecimento do mundo que o cerca.

Maffesoli (2003, p. 16), esclarece que o Imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, estado-nação, ou uma comunidade etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. “Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”. Conforme o autor, o imaginário é algo que vem para complementar e unir-se ao ser humano e é interligado com os demais.

De acordo com Durand (2004, p. 117), “o imaginário é uma compilação de tudo aquilo que um determinado grupo social produziu ou virá a produzir”. Para o escritor, o imaginário é uma exibição onde se demonstra todos os seus sentimentos, medos e esperanças para a vida, fenômeno que prossegue sempre pelas gerações.

Maffesoli (2003, p. 16) afirma que “o imaginário é o estado de espírito de um povo e de um país, é cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”. O autor ainda explora um pouco mais afirmando que o imaginário é “a partilha, com outros, de um pedacinho do mundo. A imagem não passa disso: um fragmento do mundo”. A informação serve, então para fornecer elementos de organização do puzzle de imagens dispersas. Assim, os povos, partilhando pequenas emoções e imagens, organizam um discurso dentro do grande mosaico mundial.

O imaginário se constitui, também, dos fantasmas que produzimos, e ao mesmo tempo dos sonhos, dos devaneios, e das nossas crenças. A imaginação tem, como função, produzir o ficcional, o fantástico, o inusitado, o novo, de forma a suportar e, porque não dizer, superar os obstáculos do real (DURAND, 2004). Vale ressaltar que assim como a cultura, o imaginário sofre mudanças ao longo do tempo.

O imaginário é uma representação incontornável, a faculdade de simbolização de onde todos os medos, todas as esperanças e seus frutos culturais jorram continuamente desde cerca de um milhão e meio de anos quando o homo erectus ficou em pé na face da terra. Nesse sentido, reflete-se que o homem, desde os primórdios dos tempos, se encantou com o desconhecido, aquilo em que as explicações lógicas não eram capazes de explicar.

Buscando a compreensão do real, a humanidade percorreu inúmeros caminhos que pudessem explicar de maneira satisfatória determinada situação ou fenômeno. Trilhando o caminho das representações, produziu uma teia de significados, em que figuras, objetos e fenômenos da natureza, representavam vontades e ações divinas, adquiriam um sentido diferente do que hoje conhecemos como sendo a aceção científica e nessa relação aparece o mito.

Leminski (1994) considera que o mito é a palavra fundadora, a fábula matriz, a estrutura primordial, leitura analógica do mundo e da vida. Visto sob este aspecto, o mito é entendido como explicação para a vida, a natureza, a história e as relações sociais do homem em seu espaço de origem.

Conclui-se que a compreensão do imaginário ressuscita o passado, a partir da ancestralidade, uma das mais fortes representações. E esse é um processo que envolve inúmeras operações simbólicas na construção de uma memória coletiva, dessa forma criamos nossos símbolos, nossas formas de ver o mundo. Tanto para o homem urbano ou rural, há um imaginário que reflete diretamente na forma representação do mundo.

4.2 O IMAGINÁRIO PARAENSE NOS VERSOS DE NATO AGUIAR

A região da Amazônia paraense convive também com uma imagem idealizada sobre ela, em muitas vezes, distante de sua realidade. Temos uma Amazônia múltipla em seu território de recursos naturais em biodiversidade. É preciso penetrar na mesma para se deparar com suas reais riquezas, sua cultura e seus povos, e no meio destes que se constitui um grande imaginário que permeiam suas vidas e seu convívio com os demais povos.

O imaginário da Amazônia Paraense desenvolveu-se no inconsciente coletivo da população a partir dos elementos simbólicos provenientes da natureza, e do sincretismo cultural oriundos da cultura indígena, negra e europeia. Para Loureiro (1995, p. 71) “a catequese e a pedagogia dos padres jesuítas foram os responsáveis por uma imposição simbólica sobre a cultura indígena”.

Cita-se como exemplo o Círio de Nazaré, manifestação religiosa cristã em devoção a Nossa Senhora de Nazaré, que ocorre na cidade de Belém, herdada dos colonizadores portugueses (DURAND, 2016).



Ilustração 3 – Círio de Nazaré. Fonte: <https://www.google.com> (2019).

A grande procissão católica que reúne, anualmente, no segundo domingo do mês de outubro cerca de dois milhões de fiéis nas ruas de Belém. No percurso da procissão, acontecem muitas homenagens e manifestações de gratidão, carregadas de simbolismo a Nossa Senhora. Acompanhar a procissão de joelhos, levar casas, livros ou outros objetos na cabeça, carregar os filhos vestidos de anjos, são apenas algumas dessas provas de gratidão à virgem de Nazaré.

A Igreja impôs os símbolos religiosos, morais e culturais da civilização cristã, estranhos às populações indígenas ou ribeirinhas, introduzindo outros elementos no imaginário destes, que foram incorporados em sua cultura por meio de um processo de assimilação. Essa assimilação, até então estranha à população da região, uniu-se à cultura nativa, passando a compor a cultura.



Ilustração 4 – Festejo de Santana. Fonte: <https://www.google.com> (2019).

Em Itaituba, Pará, cita-se o festejo de Nossa Senhora de Santana que inicia com o Círio Fluvial, seguido do traslado imagem percorrendo as principais ruas da cidade, indo até à Catedral de Santana, onde acontece a missa campal de abertura oficial das festividades. Observam-se versos do poema Ritual do som de Nato Aguiar.

*Nas quermesses, nos círios, na fé.
O som do batuque ecoa
Na cadência do gambá
No cortejo do marambiré.
(Ritual do som/ Nato Aguiar).*

E sua doutrina cristã e seus dogmas não conseguiram apagar o caráter mitológico e a superstição presentes no homem ribeirinho. Nessas bases se consolidou o imaginário local, no qual as crianças, desde cedo, ouvem das pessoas mais velhas as histórias fantásticas, as lendas, e as narrativas míticas, repletas de misticismo, bichos, feiticeiros e pajés, imaginário mítico da Amazônia Paraense, confirmando, assim, a importância da cultura oral. Nesta transmissão oral cita-se as letras de canções com exemplo.

Na cultura da Amazônia paraense o imaginário predomina na identidade dos habitantes, são produtos da acumulação de experiências vividas em seu meio social. Assim, através de sua história de vida, o seu modo, a forma como convive permite o relato de experiência de vida trazida de geração para geração sofrendo ao longo do tempo suas devidas transformações (OLIVEIRA apud DURAND, 1997, p. 105).

O território do Pará concentra 31 etnias indígenas espalhadas em 298 povoações, totalizando mais de 27 mil índios. Também possui comunidades negras remanescentes de antigos quilombos. Segundo Durand (1997), o caboclo percorre calmo e tranquilamente pela cobra de prata que serpenteia na terra. Caboclo diz respeito ao indivíduo gerado a partir da miscigenação de um índio com um branco, em tupi, kuriboka, filho de mãe índia e pai branco.

O rio Tapajós é um afluente da margem direita do rio Amazonas. Ele tem início no estado do Mato Grosso, onde está localizada a sua nascente (na confluência entre os rios São Manuel e Juruena).



Ilustração 5 – Rio Tapajós. Fonte: <https://www.google.com> (2019).

A foz do Tapajós é no rio Amazonas, no território do estado do Pará (próximo a cidade de Santarém). Portanto, as águas do Tapajós correm pelos territórios destes dois estados. O comprimento do rio Tapajós é de 1.784 metros; A vazão média é de 13.450 m³/segundo; A área da bacia é de, aproximadamente, 764.180 km²; Os principais rios afluentes do Tapajós são: Jamanxim, Crepori, Juruena, Arapiuns, Cururu e rio das Tropas; Possui águas de coloração esverdeada, azulada ou cristalina, dependendo da região; O rio Tapajós pertence à Bacia do Rio Amazonas. Suas águas correspondem a cerca de 7% desta bacia hidrográfica

Há muitas canoas que passam nestes rios conduzem homens, mulheres e crianças, e com elas suas histórias, seus sonhos, suas lutas e seus mitos. A vida dessas pessoas é perpassada, pela mistura da subjetividade e objetividade, sintetizando a cultura local.

*[...] Em toda a Amazônia,
A natureza sopra sons Inspiradores
Essência da musicalidade dos
Mestres compositores
Na raiz ancestral do **lundu...**
(Ritual do som/ Nato Aguiar).*

Neste poema, o autor retrata um instrumento bastante usado pela figura do caboclo, um homem que mora na floresta e dela tira o sustento para prover as necessidades da família. Herdou algumas tradições indígenas como a caça e a pesca e o respeito pela mata e seus mistérios. Uma figura de importância no desbravamento do território e pelas missões de povoamento e por ser conhecedor dos caminhos da região.

*Meu batuque tem pegada forte
É do norte o som do meu tambor
Negritude do passo da dança
Da arte cabocla que aflorou...
Meu batuque tem tom de açaí
Com as batidas lá do beiradão
Marabaixo, marambiré
Carimbó, siriá, retumbão...
(Batuque Nativo - Nato Aguiar / Gonzaga Blantez)*

O açaí é considerado superalimento por ser uma das fontes mais ricas de antioxidantes, sendo muito utilizado para fazer bebidas, geleias, doces e sorvetes.



Ilustração 6 – Açaí. Fonte: <https://www.google.com> (2019).

Trata-se do fruto do açaizeiro, uma palmeira que cresce na região amazônica do Brasil. Ele é um fruto semelhante a uma baga de cor violeta escuro ou negro, e pode ser comprado sob a forma de fruto, polpa ou suplemento alimentar em alguns supermercados e lojas de produtos naturais. O açaí geralmente é utilizado sob a forma de suco ou fruta, mas também pode ser usado para fazer doces, geleias e sorvetes.

Não estão descritos os efeitos colaterais relacionados ao consumo de açaí, no entanto como possui muitas calorias e gordura, o consumo excessivo de açaí pode engordar. Dessa forma, o açaí deve ser evitado por quem tem excesso de peso ou obesidade, sendo esta a única contraindicação do consumo do fruto.

Exibindo uma dança muito comum na cultura Paraense, o Carimbó, uma das manifestações da cultura popular paraense. É difícil precisar sua origem, mas o certo é que ela apresenta influência das culturas negra, indígena e portuguesa, ou seja, a miscigenação as quais constituem a cultura brasileira. O Açaí é um prato bem Paraense.

*A beleza do som que ecoa
É raiz ancestral do lundum
É Tum, Tum, Tum, Tum, Tum.
Meu batuque é raiz ancestral do lundum.*

No carimbó, estão presentes elementos, como o batuque africano é a raiz ancestral do Lundum, canto e dança provenientes de origem Africana provavelmente introduzida pelos escravos no Brasil. O lundum é um gênero em si musical bastante. Conhecido. A cultura paraense tem no carimbó o seu bailado popular, que está presente não apenas nas cidades interioranas, mas inclusive na capital, não tendo uma data comemorativa específica para ser dançado.

*Me imagino menino
A nadar nas águas claras de um rio
Sou um curumim brincando
Nesse manso mar de água doce
Show de vagalumes
Enquanto a cidade dorme
(Canção de Lua / Nato Aguiar)*

Fica claro nesta estrofe que o imaginário se constitui como uma representação mental formada a partir de vivências, lembranças e percepções passadas. Conforme esclarece Silva (2003, p. 7). Portanto, imaginação e imaginário estão diretamente ligados visto que as imagens compõem a imaginação que por sua vez dá origem ao imaginário.

O autor destaca nesta poesia a infância de muitas crianças ribeirinhas, onde as brincadeiras é banhar no rio de pega- pega até escurecer. A criança ribeirinha, no seu ato de brincar, vive uma relação simbólica com o rio e a floresta, elementos permanentes na sua vida e fundamentais no seu ato de brincar. Afinal, o rio e a floresta se constituem em sua rua, seu quintal, seu parque de diversões e seu próprio ser. Isso acontece porque a população local, sobretudo a que habita as regiões interioranas do estado, possui formas específicas de olhar e explicar o mundo.

Leminski (1994) considera que o mito é a palavra fundadora, a fábula matriz, a estrutura primordial, leitura analógica do mundo e da vida. Visto sob este aspecto, o mito é entendido como explicação para a vida, a natureza, a história e as relações sociais do homem em seu espaço de origem. Fica claro que o homem se projeta no meio em que vive e o imaginário não deixa de estar presente. Dessa forma, é inevitável que as suas formas de ver o mundo resultem do ambiente em que vivem das relações que estabelecem entre si e com a natureza.

Os seres humanos constroem a cultura através do seu imaginário e da

mesma forma elaboram seus imaginários a partir do local de fala, ou seja, da sua cultura (DURAND, 1997). O imaginário vem complementar guia de hábitos, comportamentos e crenças, construindo uma visão de mundo, outra forma de realidade que considera não apenas elementos concretos e palpáveis dessa realidade, mas que leva em conta o não real, o sonho, o sentimento, a imprecisão. No quarto verso, o escritor vem explicar o que Durand afirma ser o não real, as crenças e mitos trazidos das narrativas orais.

*Os olhos de Gaia contemplam maravilhas
Que a mãe natureza acabou de anunciar
Rompendo num raio o clarão da vida
Ciranda de seres alados no ar...
(Selva /Nato Aguiar).*

Warnier (2000, p. 19) compara a cultura com uma bússola, pois é ela que mostra quem é, e a que lugar pertenceu, “nos identificando com alguns grupos e nos diferenciando em relação a outros”. O autor esclarece que a cultura nos mostra a qual região pertenceu foi, pois cada indivíduo se diferencia um do outro através do seu Imaginário. No poema A Selva do escritor Nato Aguiar, no quarto verso ele descreve um lugar onde ele afirma ser pintado por ser de uma paisagem exuberante á beira do Rio Tapajós.

*Sacudindo a essência dos quatro elementos
Formou-se uma bruma azulada no vazio
E as cores criadas desse encantamento
Pintaram uma linda selva à beira de um rio...
(Selva /Nato Aguiar).*

Thompson (2008) esclarece que É entre o rio e a floresta que o imaginário devaneante do caboclo ribeirinho se alimenta, cercado pelas árvores e as altas palmeiras de açaizeiros, que bailam ao sabor dos ventos fazendo refletir sua beleza nas águas. É nesse meio, onde ele vive uma relação de cumplicidade com o rio, que aprende a conhecer todos os seus segredos e perigos.

O sentido simbólico contido na natureza se manifesta na produção do imaginário, pois ela possibilita o devaneio e estimula a imaginação do homem. Nesta estrofe o escritor embeleza a floresta Amazônica da beira do rio, em seus versos são muito comuns estrofes explanando sobre a floresta amazônica e o meio que vive.

*Teu manto sagrado inspira a poesia
A reger a água fria dos igarapés
Clã de valentes guerreiros a correr em tuas matas
De pingo em pingo a cascata
Alquimiza o som de tua canção
(Selva /Nato Aguiar).*

No Pará existe uma das paisagens mais inusitadas devido ao encontro das águas azul-esverdeada do Rio Tapajós com as águas barrentas do Rio Amazonas. Um fenômeno natural onde os rios correm lado a lado por uma longa extensão, mas não se misturam.



Ilustração 7 – Encontro das águas. Fonte: <https://www.google.com> (2019).

O encontro ocorre em decorrência da temperatura e densidade das águas. O rio Negro e Solimões não se misturam porque a composição química, a temperatura e a velocidade dos dois são diferentes. Ao longo de um percurso de cerca de 6 km, os rios Negro e Solimões andam lado a lado sem se misturar antes de se tornarem um só – o grande Rio Amazonas.

Os rios, a mata, a beleza da natureza encontrada na Amazônia Paraense, propícia o devaneio a quem tem a oportunidade de conviver com esta realidade, principalmente o homem natural do lugar. Ele vive sua realidade usando, acentuadamente, todos os seus sentidos, os quais apresentam uma grande sensibilidade, reconhecem os cheiros, os sons, as manhas da natureza e os seus mistérios. O escuro da noite, o barulho da mata, o murmúrio do rio, proporciona não só o devaneio, como também a liberação do imaginário voltado para os mitos e os encantados, que habitam as águas dos rios e a floresta (DURAND, 1988, p. 48).

*Tenho por ti devaneios
Tecidos dos fios de teus lençóis
Pulsando na veia dos teus braços
O poder de florescer teus igapós
Guerreiro Tapajós...
(Estrela do canto Norte/ Nato Aguiar)*

O escritor Nato Aguiar neste poema retrata a importância do rio Tapajós para o povo ribeirinho, expondo suas características. Durand (1997, p. 14) que a Amazônia Paraense é como uma esfinge, que muitos tentam decifrar. Mas para decifrá-la é necessário afastar os olhos da lente do microscópio, navegar e mergulhar nas águas dos rios e caminhar no meio da mata, com todos os sentidos aguçados e atentos a tudo a sua volta.

*Teu exército de trovadores
Contam tuas cores, tuas dores.
Dos ribeirinhos és o caminho
Forte poder de inspiração
De lendas e canções
(Estrela do canto Norte/ Nato Aguiar)*

Na terceira estrofe o autor relata o quanto muitos escritores contam nos versos das poesias as histórias dos ribeirinhos, sendo o rio a fonte de inspiração de lendas e canções do povo Tapájoara. Essa pluralidade se apresenta nas festas populares, na culinária, na linguagem e, principalmente, no imaginário. O que se evidencia é a resistência de uma cultura que, embora tenha tido o contato com outras e mesmo sendo influenciada por elas, manteve e continua mantendo seus traços, suas particularidades e identidade como evidencia (SILVA, 2003, p. 13). Os escritos literários produzidos no Amazonas deixam evidente que a presença do mito, da lenda, dos símbolos e saberes populares são ingredientes fundamentais na construção e reconstrução do imaginário literário.

As noites de lua cheia são as mais esperadas, onde a natureza fala mais alto e as tradições gritam para ser falada a beira do rio com uma bela fogueira, ouvindo-se uma única voz: a do mais velho da comunidade, contando as lendas e as canções dos ancestrais. Assim, as narrativas podem ser consideradas uma das formas de materialização do imaginário, o que Maffesoli (2001, p. 76) define como algo essencialmente coletivo.

*Em tua história conflitos
Sementes do vil conquistador
Que te olha com olhos de cobiça
Motosserra, mercúrio, terror.
Afogam-te na dor.
(Estrela do canto Norte/ Nato Aguiar)*

Segundo o autor francês “o imaginário é o estado de espírito de um grupo, de um país, de um Estado-nação, de uma comunidade etc. O imaginário estabelece vínculo. É cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”.

Como afirma Loureiro (2001, p. 19), dessa floresta, vista metaforicamente, pelos que olham à distância, como um arquétipo, responsável pela sustentação da vida no planeta, nessa dobrada de milênio, e cuja destruição representaria uma catástrofe, dessa mesma floresta assistimos à afloração de histórias cheias de encanto, que a cultura amazônica legitima e institui “enquanto fantasia aceita como verdade”. Como o rio Tapajós é rico em ouro, trouxe muitos conflitos e olhos de cobiça.

5 CONCLUSÃO

A meta do presente trabalho foi investigar explorar e expor informações que esclarecem o que é o Imaginário da Amazônia Paraense, identificar o imaginário na escrita poética do escritor Nato Aguiar, o percurso que a Literatura Paraense passou para se firmar como sólida, criativa e representativa para a cultura Paraense.

Ficou claro que o processo de formação da Literatura Paraense não se diferencia muito do início da própria Literatura Brasileira, fortemente ligada às missões jesuítas e a colonização da Amazônia Paraense pela Igreja Católica é descrita em livros, romances e poesias. Quanto a Itaituba, oeste do Pará, contexto de produção de nato Aguiar, observa-se que escrita literária no município caminha ainda em passos lentos, mas dos anos 90 até a atualidade, surgiram novos autores e com eles novas formas de fazer e apreciar literatura.

Quanto ao imaginário, assunto chave do estudo, percebeu-se que os seres humanos constroem cultura através do Imaginário e da mesma forma, o imaginário é elaborado a partir do local e da fala, influenciado por experiências e crenças passados de geração em geração, como os saberes populares, as lendas e as narrativas, compreendendo-se presentes no Imaginário da Amazônia Paraense.

O Imaginário da Amazônia Paraense, inclusive de Itaituba, desemboca na escrita do seu povo, desenvolvendo-se a partir de elemento simbólicos provenientes da natureza e do sincretismo cultural oriundos da cultura indígena, negra e europeia. Tudo está ligado ao grande rio, que tem seus afluentes que deságuam nos igarapés, circundados pela mata que abriga um rico patrimônio da fauna e da flora amazônica, constituindo um universo de biodiversidade. E é neste cenário que o imaginário da Amazônia Paraense se alimenta, onde o homem e o rio se fundem.

O estudo permitiu o acesso a obras tão ricas e bem elaboradas que preservam nossa memória. A pesquisa ampliou os horizontes para além da busca investigativa, gerando possibilidades de uma extensão a ser trabalhada do ponto de vista metodológico. Neste sentido, afirma-se que sendo o imaginário algo presente em cada paraense e representa esta população, cabe aos docentes valorizarem esta Literatura fazendo que se conheçam seus autores e obras no âmbito escolar.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Bernardo. **O Imaginário e suas facetas**. Biblioteca Digital da UNICAMP. Disponível em; www.bibliotecadigital.unicamp.br. Acesso em 15 de fev. de 2019.
- BARBOSA, José Maria de Azevedo. **O mapa geral do bispado e a divisão política da província do Grão-Pará em 1759**. Belém, Revista o Tribunal de Contas do estado do Pará, Belém, v. 6, n. 8. 1976.
- BARATA, Manoel. **Formação histórica do Pará**. Belém: UFPA, 1973.
- BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. **Quando a lua vela sobre Óbidos adormecida**. Terra Imatura, Belém, p. s/n, n. 5, out 1938.
- BRASIL, IBGE. Geografia do Pará. 2010. Disponível em: <http://www.dadosdoIBGEPará.org.br/>. Acesso em: 25 de mai. De 2019.
- BRASIL, FUNAI, Fundação nacional do Índio. **Etnias distribuídas em todo o território brasileiro**. 2019. Disponível em: www.funai.com.br. Acesso em: 12 de fevereiro de 2019.
- CASTRO, José Carlos. Benedito Nunes. **70 anos de cultura e humildade**. O Liberal, Belém, Caderno Cartaz, p. 13, 19 dez. 1999.
- CHAVES. Maria Annunciada Ramos. **Apresentação In: TAVERNARD. Antônio. Edição comemorativa do Cinquentenário da morte do poeta**. 1986.
- UNAMA, Universidade da Amazônia. Revista Asas da Palavra - **Vida e obra de Dalcídio Jurandir**. 1996.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000, p. 133-134.
- CARLOS, Ana Fani A.(org.) **Geografia na Sala de aula**. São Paulo: contexto, 1999.
- COIMBRA, Osvaldo. **Uma inesquecível conversa com Max Martins**. [Entrevista concedida a Oswaldo Coimbra]. Realizada no Núcleo de Artes da UFPA. Belém, 2000.
- CONCEIÇÃO, Laurenice Nogueira da. **Epopeia e transculturação em "Nativo de Câncer", de Ruy Barata**. UFPA. Belém – PA, 2015.
- DANTAS, Abílio. **Vida e obra de Eneida de Moraes**. Jornal da Universidade Federal do Pará. Ano XXX N° 130. Abril e Maio de 2016.
- DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1997.

DURAND, Gilbert. **A Imaginação Simbólica**. SP: Cultrix / EDUSP, 1988.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro. Difel, 2004.

DURAN, Sabrina. **Círio de Nazaré: por dentro da maior festa religiosa do Brasil**. Portal IG. Turismo - Destinos Nacionais. 2016.

DUTRA, M. J. S. **A natureza da TV: uma leitura dos discursos da mídia sobre a Amazônia, biodiversidade, povos da floresta**. Belém: NAEA, 2005.

FONCECA, J.J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2008. Junho/1995.

GUIMARAES, Renato. **Brasil Império- cronologia**. Ed. Revan. 2004.

ILDONE, José; MEIRA, Clóvis; CASTRO, Acyr, org. **Introdução a Literatura no Pará**. Cejup. 1 ed. Belém, 1990.

LADISLAU, Alfredo. **Terra Imatura**. Belém; J. B. dos Santos e Cia Editores, 1923.

LEITE, Marcos. **A dialética da maturidade e da civilidade: uma leitura crítica dos romances de Inglês de Sousa**. NAEA/UFPA. Belém. 1996.

LEMINSKI, P. **Metamorfose. Uma viagem pelo imaginário grego**. São Paulo, Iluminuras, 1994.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Obras reunidas**. Poesia – volume II. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

LOUREIRO, J. J. P. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Ed. Cejup, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS. Porto Alegre: nº15, Agosto de 2003.

MEIRA, Clóvis. Et al. **Introdução à literatura no Pará**. 2. Ed. Belém: Cejup, 1990. P. 317-118.

MENEZES, Bruno de. **Obras completas**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura/ Conselho Estadual de Cultura, 1993.

MENEZES, Bruno de. **Resposta à enquete: "Posição e destino da literatura paraense"**. Folha do Norte, Belém, 7 dez. 1947. Suplemento Arte Literatura, p. 4.

MENEZES, Bruno de. 1893-1993. **Lendo o Pará**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura, 1993. Conselho Estadual de Cultura, 1993.

NUNES, Benedito. **Autores contemporâneos**. 3. Ed. Belém: EDUFPA, 2009.

OLIVEIRA, Raimundo Nonato Aguiar. **A presença do imaginário Amazônico nas Narrativas orais, Poesias e Músicas no município de Itaituba** (monografia). Itaituba: FAI, 2005.

RAIOL, Domingos Antônio. **Motins políticos ou história dos principais acontecimentos políticos da Província do Pará desde o ano de 1821 até 1835**. 2ª edição, Belém, Universidade Federal do Pará, 1970, vol. 3.

REIS, Arthur Cezar Ferreira Reis. **As Fortificações da Amazônia no período Colonial**. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Vol. 344, jul./set, 1989, p. 217-227.

RIBEIRO, De Campos. **Graça Aranha e o Modernismo no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973, p. 16-17.

SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem. Esboço do pensamento político revolucionário no Grão-Pará**. Belém: CEJUP, 1992. Coleção Amazoniana; V 3.

SILVA, Juremir Machado da. **As tecnologias do imaginário**. Porto Alegre, Editora Sulina, 2003.

SILVEIRA, Ítala Bezerra da. **Cabanagem: uma luta perdida**. Ed. Secult. 2004.

SIMONSEN, Roberto C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Nacional, 1957.

SODRÉ Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. 9. Ed. Rio de Janeiro, 1995.

TAPAJOARA. **CD Ita em Canções**. TV de Itaituba, canal 7, Dezembro de 2005.

TAVERNARD, Antônio. **Poesias**. Revista Paraense, A Semana, nº 700, em 20 de fevereiro de 1932.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

ANEXO 1
POESIAS DE NATO AGUIAR

RITUAL DO SOM - NATO AGUIAR

Está na natureza o dom...

De alquimizar o universo em som...

O som

Está na gênese da força criadora do planeta

O som

Faz as cores da floresta reluzirem com beleza

O som

Tá no silêncio que anuncia a chegada das manhãs

O som

Tá no segredo revelado pela dança dos xamãs

O som

Tá na destreza do caboclo na batida do tambor

O som

Tá no compasso entre o tempo e o espaço do amor

O som

Está em todas as culturas, ao nosso redor

O som

Tá na batida envolvente do carimbó

Em toda a Amazônia,

A natureza sopra sons inspiradores

Essência da musicalidade dos mestres compositores

Na raiz ancestral do lundu

Nas quermesses, nos círios, na fé

O som do batuque ecoa

Na cadência do gambá

No cortejo do marambiré.

BATUQUE NATIVO - NATO AGUIAR / GONZAGA BLANTEZ

Meu batuque tem pegada forte
É do norte o som do meu tambor
Negritude do passo da dança
Da arte cabocla que aflorou

Meu batuque tem tom de açaí
Com as batidas lá do beiradão
Marabaixo, marambiré
Carimbó, siriá, retumbão.

Meu batuque é nativa cadência
Do caboclo no seu puxirum
A beleza do som que ecoa
É raiz ancestral do lundum

É tum, tum,tum, tum ,tum
Meu batuque é raiz ancestral do lundum.

CANÇÃO DE LUA - NATO AGUIAR

Berço da noite
Silêncio no vento
Baila a lua no meu pensamento
Abro a janela
Me perco a sonhar
Vendo as estrelas
No céu a brilhar

Me imagino menino
A nadar nas águas claras de um rio
Sou um curumim brincando
Nesse manso mar de água doce
Show de vagalumes
Enquanto a cidade dorme

No acalanto da noite serena
Escuto o som de um violão
Dedilhando uma serenata
Na minha terra natal
Ouço a voz dos trovadores
Numa bela sinfonia
Trovas de amores
Luz, fantasia

E a lua principia
A canção.

SELVA - NATO AGUIAR

Kabiá! *

Kabiará! *

Os olhos de gaia contemplam maravilhas
Que a mãe natureza acabou de anunciar
Rompendo num raio o clarão da vida
Ciranda de seres alados no ar

Sacudindo a essência dos quatro elementos
Formou-se uma bruma azulada no vazio
E as cores criadas desse encantamento
Pintaram uma linda selva à beira de um rio

Selva! Mãe diva!
Embrião luzente, esperança rica
Bem-aventurada...
Selva! Mãe diva!
Lumiar supremo, fonte florida.
Valente amazona em trajes de guerra
Encantada pelo talismã da terra.

Teu manto sagrado inspira a poesia
A reger a água fria dos igarapés
Clã de valentes guerreiros a correr em tuas matas
De pingo em pingo a cascata
Alquimiza o som de tua canção.

Kabiá! * ("bom dia", em mundurucu);

Kabiará! * (em mundurucu, significa "estrela da manhã").

ESTRELA DO CANTO NORTE - NATO AGUIAR

Tenho por ti devaneios
Tecidos dos fios de teus lençóis
Pulsando na veia dos teus braços
O poder de florescer teus igapós
Guerreiros tapajós.

Amo o teu jeito egoísta
De sempre querer navegar
De costas pro lado sulista
Abdicando ao teu direito de mar

Teu exercito de trovadores
Contam tuas cores, tuas dores.
Dos ribeirinhos és o caminho
Forte poder de inspiração
De lendas e canções

E quando a lua repousa em teu leito
Mistura o teu verde em prata
De seu castelo a deusa da noite
Invoca a cantiga da mata
Que rompe cega ao som dos guaribas
Sinfonia no beiradão
Que só quem traduz é o caboclo
Nativo teu, rio de eterna canção

Em tua historia conflitos
Sementes do vil conquistador
Que te olha com olhos de cobiça
Motosserra, mercúrio, terror
Afogam-te na dor

Mas as crenças te ressuscitam
que Santana te conserve sempre forte
Belo espelho sagrado da lua
Estrela do canto norte

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

CENTRO DE ESTUDO SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA-FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
Autorizado e credenciado – Portaria MEC nº 2557 de 16/09/2003.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O presente estudo, denominado de O IMAGINÁRIO DA AMAZÔNIA PARAENSE EXPRESSO NA ESCRITA POÉTICA DE NATO AGUIAR tem como objetivos obter conhecimento quanto à trajetória histórica da Literatura do Pará, compreender as particularidades do imaginário da Amazônia paraense, demonstrar sua riqueza literária observando seus principais autores e suas obras, bem como, destacar a importância de um olhar diferenciado para a cultura regional e local.

A Literatura paraense é rica, vasta e deslumbrante, apesar das obras de seus autores serem pouco conhecidas pelo seu povo. Essa produção literária apresenta o contexto ambientado, qual aponta para o histórico e cultura do Pará, em especial, expressos nos versos musicalizados de Nato Aguiar, aqui considerando-se como poesia literária.

A sua participação nesse estudo consiste em **RESPONDER A QUESTIONÁRIO E POSSÍVEL DISPONIBILIZAÇÃO DE MATERIAIS BIOBIBLIOGRÁFICOS**. Não foram identificados riscos ou desconfortos decorrentes de sua participação neste estudo. No caso de quaisquer dúvidas ou questionamentos você poderá contatar a pesquisadora principal desta pesquisa, Késia da Silva Chagas, pelo telefone (93)991032528 ou pelo e-mail: kesiadasilvachagas@gmail.com, assim como sua orientadora, Mara Ap.^a Pereira do Nascimento pelo telefone (93) 991015762 ou pelo e-mail mara-chic@hotmail.com.

Sua participação neste estudo é voluntária, tendo você o direito de a qualquer momento recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação neste estudo, sua recusa não implicará em qualquer prejuízo. Será garantido a manutenção de sua privacidade e confidencialidade. Os resultados desta pesquisa serão utilizados para fins de pesquisa sobre a temática e serão publicados ou apresentados em eventos científicos, sendo que você poderá ser informado sobre os resultados da pesquisa se assim o desejar.

Este termo de consentimento possui duas vias, sendo que uma ficará em seu poder e a outra será arquivada com a pesquisadora.

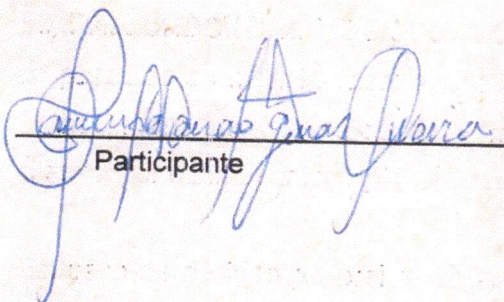
PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

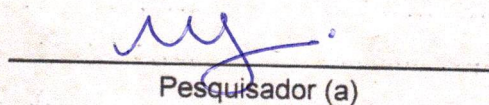
Eu, **RAIMUNDO NONATO AGUIAR OLIVEIRA**, declaro que fui informado (a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e que pude esclarecer minhas dúvidas. Tenho conhecimento de que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e de interromper minha participação se assim o desejar.

Em caso de dúvidas poderei contatar a qualquer momento a pesquisadora Késia da Silva Chagas pelo telefone (93)991032528 ou pelo e-mail: kesiadasilvachagas@gmail.com, assim como sua orientadora, Mara Ap.^a Pereira do Nascimento pelo telefone (93) 991015762 ou pelo e-mail mara-chic@hotmail.com.

Declaro que concordo em participar desse estudo e que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

ITAITUBA, 19 de janeiro de 2019.


Participante


Pesquisador (a)